

ILUSTRAÇÃO

N.º 228 — 10.º ano



LISBOA — CIDADE DE ENCANTO

(Foto do Dr. Max Braumann)

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFICIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).....	32\$10	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	61\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias.....	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Brasil.....	—	67\$00	134\$00
(Registada).....	—	91\$00	181\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada).....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES



A dor envelhece

A cara é o espelho da alma, mas também o é do nosso organismo. As dores de que sofremos às vezes: dores nevralgias, dores de cabeça ou de dentes, mudam a expressão do nosso semblante, cavando profundas rugas que envelhecem. Felizmente que, hoje em dia, não há necessidade de sofrer. Um ou dois comprimidos de CAFIASPIRINA tiram, num instante, as dores mais intensas, restituindo-nos o completo bem-estar.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Acaba de sair a 2.ª edição do

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR **JÚLIO DANTAS**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 332 págs., enc. . . 17\$00 broch. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 352 págs., no formato de 26×18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Um livro patriótico que desperta nas crianças o gosto pela História.

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.ª EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa a côres **10\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Um interessante livro para as crianças

A 2.ª EDIÇÃO
muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês
Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

- Afonso Lopes Vieira**, um volume.
- Alexandre Herculano**, um volume.
- Antero de Figueiredo**, um volume.
- Augusto Gil**, 1 volume.
- Camões lírico**, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
- Eça de Queirós**, dois volumes.
- Fernão Lopes**, três volumes.
- Frei Luís de Sousa**, um volume.
- Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume.
- João de Barros**, um volume.
- Lucena**, dois volumes.
- Manuel Bernardes**, dois volumes.
- Paladinos da linguagem**, três volumes.
- Trancoso**, um volume.

Em preparação:

- Camões lírico**, 5.º volume.
- Cada volume brochado. **12\$00**
- Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

- Alguns aspectos da literatura portuguesa**, por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. 3\$00
- Comentário leve da Grande Guerra:**
- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. 10\$00
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10\$00
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. 10\$00
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. 10\$00
- Ensaio sobre educação:**
- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. 10\$00
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 págs., br. 10\$00
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. 10\$00
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10\$00
- Homem (O), a ladeira e o calhau.** — br. 10\$00
- Jardim da Europa.** — br. 10\$00
- Ler e tresler.** — br. 10\$00
- Lição moral e cívica**, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais 3\$00
- O pintor Carlos Reis.** — 1 fol. formato grande 4\$00
- Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica.** — 64 págs., br. 3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

- CÓMICOS** (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00
- DOIDA DE AMOR** (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00
- D. PEDRO E D. INES** (Romance) — 322 págs., brochado... 12\$00
- D. SEBASTIÃO** — 464 págs., brochado 14\$00
- ESPAÑA** — Nova edição no prelo
- JORNADAS EM PORTUGAL** — 404 págs., brochado 12\$00
- LEONOR TELES** (Romance) — 395 págs., brochado 12\$00
- O PADRE SENA FREITAS** (Conferência) — 64 págs., broch. 3\$00
- RECORDAÇÕES E VIAGENS** — 328 págs., brochado 12\$00
- SENHORA DO AMPARO** — 292 págs., brochado 12\$00
- TOLEDO** (Impressões e evocações) — *Índice: Viagens* — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas, na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys, — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado 10\$00
- O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS** — 375 págs., brochado 12\$00
- A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER** — (Conferência) Esgotado.
- MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO** — (Discurso) Esgotado.
- MIRADOURO, Tipos e Cases** — 320 págs., brochado 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

- ANATOLE FRANCE** (Estudo) — 79 págs., brochado 5\$00
- ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES** — 356 págs., brochado.. 12\$00
- ESTRADA DE SANTIAGO** (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado 12\$00
- FILHAS DE BABILÔNIA** Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado 12\$00
- O HOMEM QUE MATOU O DIABO** (Romance) — 353 págs., broch. 12\$00
- JARDIM DAS TORMENTAS** (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs., brochado 12\$00
- TERRAS DO DEMO** (Romance) — 332 págs., brochado 12\$00
- VIA SINUOSA** (Romance) — 360 págs., brochado 12\$00
- A BATALHA SEM FIM** (Romance) — 308 págs., brochado... 12\$00
- AS TRES MULHERES DE SANSÃO** (Novelas) — 268 págs., brochado 10\$00
- MARIA BENIGNA** (Romance) — 286 págs., brochado 12\$00
- É A GUERRA** — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado 12\$00
- ROMANCE DA RAPOSA**, 2.^a edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores 15\$00
- ALEMANHA ENSANGUENTADA**, 1 vol. de 312 págs., broc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

- O Bôbo** (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado 10\$00
- Eurico, o presbítero**, (Romance). — 388 páginas, brochado 10\$00
- O monge de Cister**, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00
- Lendas e Narrativas** — 2 vols. com 667 páginas, brochado ... 20\$00
- História de Portugal** (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado 96\$00
- Estudos sobre o casamento civil** — 284 páginas, brochado 10\$00
- História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** — 3 vols., 1.139 páginas, brochado 30\$00
- Composições várias** — 374 páginas, brochado 10\$00
- Poesias** — 224 páginas, brochado 10\$00
- Cartas** (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado 20\$00
- Opúsculos:**
- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
 > II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
 > III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
 > IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
 > V *Controvérsias e estudos históricos* tomo II, 323 páginas
 > VI *Controvérsias e estudos históricos* tomo III, 309 páginas
 > VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
 > VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
 > IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
 > X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
- Cada volume, brochado 10\$00
- Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de vi gem**, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A última novidade literária

A L E M A N H A
ENSANGÜENTADA

POR
AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada
do pintor Roberto, broch. **12\$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por
•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As senhoras que têm
obrigação de sêr lindas



As senhoras da alta sociedade, as actrizes, as «stars» de cinema precisam sêr formosas! A fama e o êxito exigem uma tez fresca, feições juvenis e uma pele macia e bonita. E as que necessitam sêr formosas, assim como as que desejam sê-lo, acham que o Pó Tokalon é insubstituível.

A «Mouse de Creme» que se encontra misturada ao Pó Tokalon faz aderir o pó duas vezes mais tempo. Trata-se de um processo exclusivo e registado por Tokalon.

Acaba logo com o brilho do nariz e elimina a aparência gordurosa da pele. Uma ventania rija,

o frio, a chuva, ou o sol: não têm a minima acção sobre a alegre beleza e a frescura que granjea o Pó Tokalon. E o mais curioso é que não há maneira de o descobrir no rosto — tão leve, macio e suave êle é. Acharéis que os eflúvios leves e subtis do seu perfume delicado são imensamente atraentes e encantadores.

Não espere mais um dia para ensaiar êsse pó tão diferente dos outros. Na extensa variedade de cores do Pó Tokalon há uma que convém perfeitamente à sua tez própria. Proteja a pele — embeleze a tez — pareça mais nova — usando Pó Tokalon. É purissimo. Afiançamos que ficará absolutamente satisfeita.

À venda nas perfumarias. Não encontrando, escrever à Agencia Tokalon de Lisboa (Secção I. L.) 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

Os Compactos Tokalon contém agora «mousse de crème». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes. Uma coisa nova, diferente e melhor.



Quando os percevejos o não deixarem dormir

Não empregue insecticidas que não matam

Sempre que pensar em destruir os percevejos com insecticidas de qualidade inferior, perderá o seu tempo e o seu dinheiro. Para matar os percevejos terá de adquirir o mais forte de todos os insecticidas — FLIT.

Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destrói de facto os insectos, matando-os.

FLIT pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta, selada, para sua garantia contra as imitações.



Espalhe
PÓ FLIT

Mata: formigas, pulgas, percevejos, baratas, traças, piolhos, etc.
G-108

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE:—
2 0535

N.º 228—10.º ANO
16-JUNHO-1985

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Por esse carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director,



A Ala dos Namorados no Cortejo Medieval



O Cortejo do Trabalho, organizado pela Associação Industrial Portuguesa, encantou o povo de Lisboa com os seus carros alegóricos e seguidos pelos trabalhadores das várias e importantes indústrias do país. Admiramos o da Indústria da Cortiça, o da Cerâmica e Materiais de Construção, o da Metalúrgica, o da Carris, o dos Telefones, o da C. P., o da Cerâmica e Escultura, o do Gás e Electricidade, o das Indústrias Florestais, o dos Vendedores de Materiais Eléctricos, etc.

Em boa verdade, a Associação Industrial Portuguesa obteve um extraor-



O cortejo do trabalho

Um esforço prodigioso que mostrou o grande avanço industrial da nossa Pátria

dinário triunfo que é a mais bela comemoração do 75.º aniversário da sua existência.

Este organismo, que tem levado três



quartos de século numa vida inteira de trabalho e sacrifício em prol da indústria nacional, tem toda a razão para considerar-se satisfeita e orgulhosa do exito feliz do primeiro número do programa da consagração dessa data notável. O cortejo do Trabalho que organizou e que

Carrão da C. P., Companhia dos Telefones e Carrão da Metalurgia, Indústrias Eléctricas, Indústrias Florestais e um aspecto do cortejo na Praça dos Restauradores

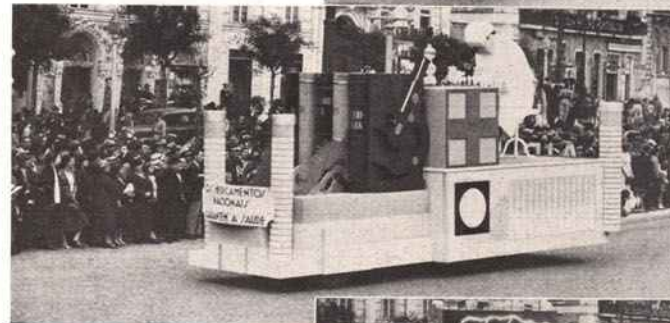
ontem milhares de pessoas viram desfilar pelas ruas mais cenirais da cidade, na mais ordeira composição, aplaudido merceditamente pela multidão, marcou um grande acontecimento na vida cidadina e foi bem a demonstração da cordura e amor ao trabalho do nosso povo, patrões e operários irmanados no mesmo desejo bem manifesto — que é afinal o de todos os portugueses — de concorrerem para o prestígio e o



desenvolvimento da terra de todos nós, através do progresso da sua mais intensa manifestação vital — a da indústria, fonte de tanta riqueza, aproveitamento de tan-

tos recursos naturais, mola real de toda a complicada engrenagem económica de um País que quer viver e, o que é mais, que quer vencer nesta hora de tantas e tão graves dificuldades em que todo o Mundo se debate.

O cortejo do Trabalho resultou qual-



Mas se ainda houvesse qualquer dívida, a demonstração do Cortejo do Trabalho marcou plenamente o nosso valor.

Por isso o povo aplaudiu, pois sentiu-se também orgulhoso. O seu entusiasmo ante o esforço da Associação Industrial Portuguesa foi espontâneo e sincero.

Quando mais não fôsse, bastaria esta manifestação para compensar o esforço dispendido que provou exuberantemente o que pode e o que vale o trabalho nacional.

quer coisa de imponente, que bem mereceu o interesse despertado na curiosidade da multidão.

Vê-se com satisfação que Portugal trabalha, acompanhando a marcha civilizadora do mundo. Sabe-se até que os nossos artifices são os mais completos, visto que, ante a carência de certa aparelhagem, conseguem realizar obra perfeitíssima, graças ao seu engenho, perseverança. Isto tem sido provado muitíssimas vezes.

Carrão dos Mármores e Cantaria, Construção Civil, Cerâmica, Produtos Farmacêuticos e Gás e Electricidade



LIVROS PUBLICADOS

«**A**LEMANHA ENSANGÜENTADA» constituiu um dos mais extraordinários êxitos literários dos últimos tempos. Mas para que havemos de citar este facto que todos sabiam já? Quando Aquilino Ribeiro publica um livro, existe apenas a preocupação de o adquirir, pois não pode deixar de ser uma maravilha.

Do cinzel de Fidias não podia sair uma obra inferior; da pena de Aquilino Ribeiro só poderia sair uma obra prima. Portanto, o triunfo do nosso maior prosador é absolutamente legítimo.



Dr. Sousa Costa

O poeta António Correia de Oliveira afirmou novamente a lira há tanto tempo emudecida e deu-nos a sua última obra «Pátria Nostra». Em tempos, o poeta confessou que «fazia versos como as fontes davam água». Assim é. Os seus versos tem a singeleza e a harmonia da água cantante das fontes. Bem haja o grande poeta que vem lembrar-nos o nosso mais alto dever: o amor da terra bendita que nos foi berço.

O Dr. Sousa Costa é infatigável. Depois de tão belas obras atira-nos, de surpresa «Heróis des-

conhecidos», o seu último livro em que faz reviver períodos angustiosos desta Lisboa que todos amamos. Elogiamos este livro? Para quê? O nome do seu autor, detentor de tão belos triunfos, não carece de encômios. É de quem é. A crítica, a verdadeira crítica pertence aos seus muitos milhares de leitores.

Mário Barros, que ainda há tempos nos deliciou com o seu belo livro «Uma mulher», acaba de publicar mais uma novela que intitulou «Sempre noiva» em que perpassa a figura deliciosa de Maria do Céu. Deve ser um dos episódios da vida do autor que tão esplendidamente soube focar. Mário Barros, cujo talento é incontestável, ama com a alma, num amor puro e imaterial que nos enleva e arrebatava de página para página. «Sempre noiva» tanto pode ser uma evocação, como um hino de amor como um nobre exemplo. Lindo livro mais destinado às almas do que aos olhos.

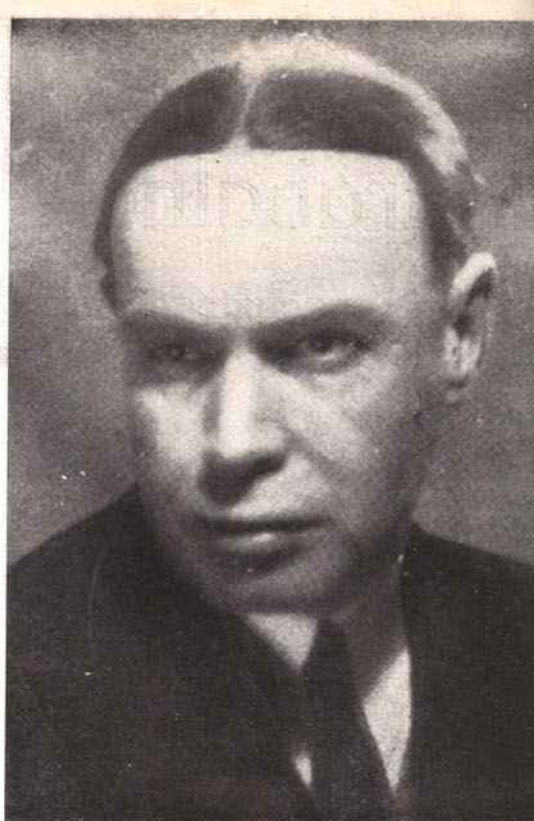
D. Maria Lamas, a encantadora poetisa dos «Humildes», a carinhosa «Rosa Silvestre» que ensinava lindas histórias aos pequeninos, a romancista empolgante de «O Caminho luminoso» acaba de publicar um novo romance que intitulou «Para além do amor» em que pretende «ser sincera e ser mulher».

Conseguiu-o inteiramente. Nas páginas deliciosas que escreveu há beleza, há sinceridade, há sofrimento. A heroína — a própria aurora o diz — tem «alma torturada por mil interpretações do meio ambiente» e luta «consigno própria numa acção consciente de Verdade e Beleza».

A escritora conseguiu inteiramente o seu fim, repetimos. O seu livro — livro encantador que deve ser lido com a devoção com que deve ler-se um volume de hinos sagrados da Pérsia, tanto nos entra na alma — vai obter um êxito extraordinário.

Ninguém como uma mulher para sondar o nosso espírito. Tem mais leveza, mais finura, mais sensibilidade.

D. Maria Lamas atingiu um tal grau de perfeição que pode



Aquilino Ribeiro

ser considerada hoje uma das nossas maiores escritoras. Os seus livros hão de fazer escola.

«Para além do amor» foi o título escolhido por escritora ilustre que logo se revela no seu próprio «ex-libris».

«Sempre mais alto!» Como uma águia subiu, subiu ante a nossa admiração. Lá de cima fita-nos e envia-nos as suas produções. Falam do mundo e das suas amarguras, mas veem do céu. Formoso livro esse que nos ofereceu. Aguardamos mais, muitos mais, para bem das letras pátrias e de todos os que, dentro e fora do país, apreciam a boa literatura.



Rosa Silvestre

Após tantos trabalhos teatrais. A. Vítor Machado enveredou pelas altas investigações científicas e conseguiu obter um belo êxito. Com surpresa acabamos de ver o seu belo livro «Do crime e da Loucura» em que faz um completo e profundo estudo sobre os delinquentes observando-os perante as disposições dos códigos de justiça e da medicina legal.

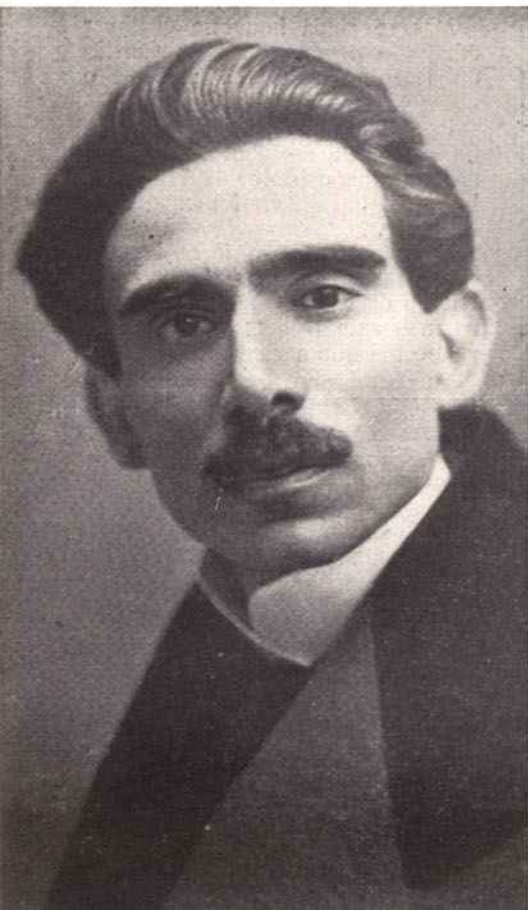
Já viram maior esforço? O poeta e o novelista deixa por momentos o mundo ideal que o encanta e embrenha-se nas montanhas frias das ainda mais frias realidades.



Mário Barros



A. Vítor Machado



António Correia de Oliveira

Portugal em Cáceres

Por amável iniciativa do alcaide de Cáceres, D. António da Silva Nuñez, celebrou-se naquela localidade, em 29 do mês findo o «Dia de Portugal». Representaram a Espanha nas comemorações o sr. dr. Juan José Rocha, ministro dos Negócios Estrangeiros, que era acompanhado pelo seu secretário sr. D. José Maria Paya; e o sr. Francisco Ramirez Montesinos, encarregado de negócios da Espanha em Lisboa. O nosso país era representado pelos srs. visconde de Riba Tâmega, encarregado de negócios de Portugal em Madrid e general Daniel de Sousa, presidente do Município de Lisboa.

Da Figueira da Foz, praia que os habitantes



o presidente da Câmara Municipal. Falou por fim, o ministro dos Estrangeiros espanhol, que descerrou a lápide com o nome da nova avenida.

De tarde jogou-se um desafio de «foot-ball» entre um grupo de Madrid e outro da Covilhã, e à noite realizou-se um banquete oficial em honra dos hóspedes de Cáceres. No Teatro Norba houve um festival luso-espanhol que teve grande concorrência.

de Cáceres muito apreciam, vieram os srs. Norberto Monteiro, comandante do porto, e Fernandes Mendes, da Comissão de Turismo.

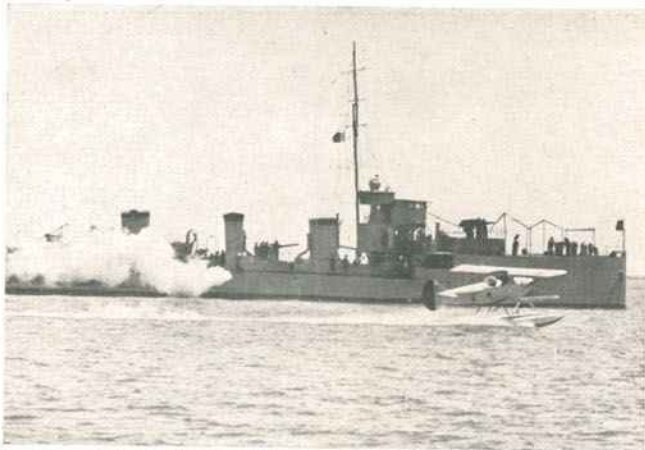
Do programa fez parte a inauguração da Avenida Portugal a que assistiram as autoridades civis e militares. Fez a «guarda de honra» uma companhia de infantaria, a que o sr. dr. Juan José Rocha e general Daniel de Sousa passaram revista. O presidente da Comissão de Festas proferiu depois um discurso em que saudou o nosso país, tendo-lhe respondido



DR. CAEIRO DA MATA

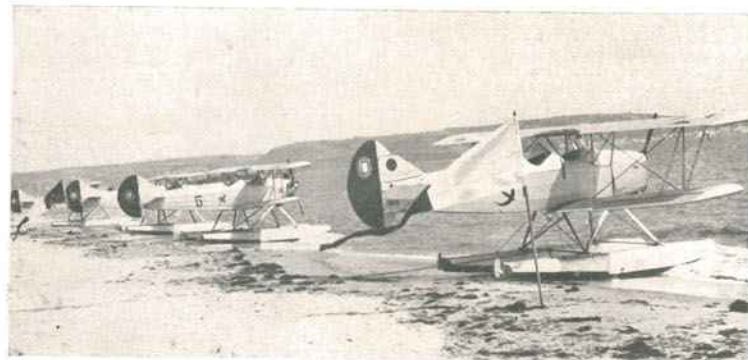


De regresso de Genebra, chegou no dia 3 a Lisboa, o sr. dr. Caeiro da Mata. O ilustre diplomata que foi representar o nosso país na «Comissão das Treze Potências», para cuja presidência foi eleito, era aguardado na estação do Rossio por grande número de altas individualidades que não quizeram perder a oportunidade de o felicitar pelo brilhante êxito da sua missão. Com efeito, a viagem do sr. dr. Caeiro da Mata assinala, um notável sucesso da diplomacia portuguesa. Além de ter sido escolhido para orientar os trabalhos duma comissão que se ocupou dum dos mais delicados pontos da política internacional — as sanções entre a violação dos tratados — o sr. dr. Caeiro da Mata foi ainda eleito para presidir às duas sub-comissões em que ela se desdobrou, facto pouco vulgar e que prova o grande prestígio do representante português. A nossa gravura representa da esquerda para a direita, os srs. embaixador Luiz Teixeira de Sampaio, ministro do Comércio, dr. Caeiro da Mata e ministro da França.



Os exercícios de desembarque dum contingente de Marinha, realizados no dia 1 do mês corrente, na praia da Cruz Quebrada, constituíram, como se esperava, uma das mais admiráveis exibições da nossa Armada nos

últimos anos. Uma grande multidão assistiu às operações dos pontos altos e praias próximas. Apesar de ser dia de semana, o acontecimento despertou tal interesse que muita gente de Lisboa se deslocou até ao local para admirar o espectáculo.



últimos anos. Uma grande multidão assistiu às operações dos pontos altos e praias próximas. Apesar de ser dia de semana, o acontecimento despertou tal interesse que muita gente de Lisboa se deslocou até ao local para admirar o espectáculo.

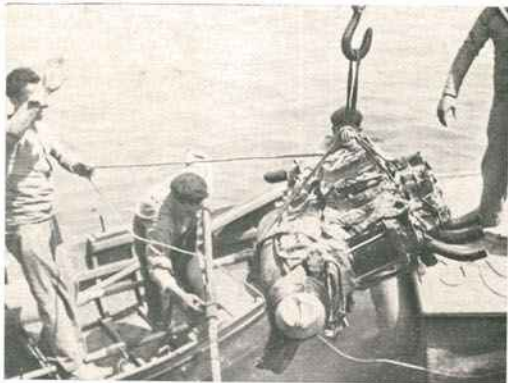
De acôrdo com o programa fixado tratava-se de realizar um desembarque de algumas centenas de marinheiros, que seriam protegidos nessa operação pela acção conjugada dos navios da esquadra e hidro-aviões.

Este objectivo foi alcançado duma forma brilhante que demonstrou iniludivelmente a eficiência da nossa Marinha de Guerra e o valor do seu pessoal.

Obedecendo às ordens recebidas, os navios designados para tomarem parte no exercício abandonaram pelas 11 horas as suas boias e dirigiram-se para a

barra, ponto de concentração da esquadra. Entretanto, o velho navio porta-minas "Vulcano" aproximava-se do local de desembarque e ficava a pairar ao largo. Trazia a reboque seis escalares que de-

viem ser utilizados pelas forças de desembarque. Da barra avançou então uma divisão encarregada de apoiar com o fogo da sua artilharia o combóio de tropas. Constituíam-na o aviso de 1.ª classe "Afonso de Albuquerque" e os contra-torpedeiros "Lima" e "Vouga" e



Exercícios da Marinha na praia da Cruz Quebrada

"Tamega". Em frente de Carcavelos foi expedida ordem de bordo do "Afonso de Albuquerque", aos outros navios para estarem preparados para abrir fogo. As tripulações ocuparam os seus postos de combate com a mais perfeita disciplina e tudo ficou pronto para o embate com o "inimigo".

Já quasi em frente da Cruz Quebrada, o "Afonso de Albuquerque", rompeu fogo para terra, logo seguido pelos três navios que o acompanhavam. Era a fase preparatória do desembarque. Tratava-se de bombardear as supostas posições do inimigo em terra, obrigando-o a desalojar-se.

Entrou em cena nessa altura a aviação, representada por três aviões "Junkers" e três "Fleet", que apareceram em formação de esquadilha, voando a grande altura. Três deles tinham por missão impedir que o "inimigo" ocupasse a praia e faziam para isso repetidas descidas a pique sobre o local, que punham à prova a pericia dos pilotos e emocionavam os espectadores. O bombardeamento prosseguia, entretanto, com grande intensidade, ao mesmo tempo que os navios faziam evoluções que, pela maneira impecável como eram executados, mereceram os aplausos da assistência.

Ao fim de algum tempo avançou, vindo da barra, o combóio de tropas de desembarque. Era formado pelo transporte "Gil Eanes", tendo à frente o aviso de 2.ª classe "Pedro Nunes" e o navio porta-minas "Vulcano". Escoltavam-no os torpedeiros "Ave" e "Mondego".

da Marinha na praia da Cruz Quebrada

Ao chegar à altura da Cruz Quebrada, o combóio lançou ferro entre a terra e os navios da divisão de apoio. Em seguida, um dos hidro-aviões "Junkers", lançou em frente de terra uma cortina de fumo, destinada a favorecer o desembarque duma pequena companhia destinada a preparar o terreno para o grosso das forças. Como o vento dissipasse esta cortina de fumo, o avião repetiu a manobra, podendo então dois grandes escalares cheios de marinheiros aproximar-se de terra quasi sem serem vistos.



Logo que puseram pé em terra, os marinheiros avançaram para as posições "inimigas", travando-se nutrida fusilaria.

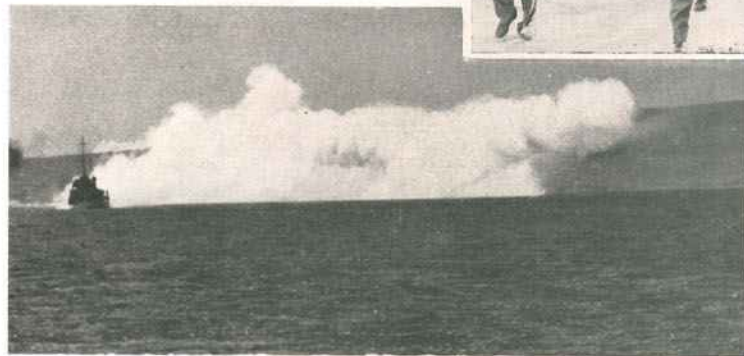
Era chegada a altura de fazer o desembarque em massa. Diversos escalares largaram do "Gil Eanes" e do "Pedro Nunes", dirigindo-se para a praia. Vinham dentro deles trezentos marinheiros, devidamente armados e apoiados por uma bateria de desembarque pertencente ao "Afonso de Albuquerque", material que era exibido pela primeira vez.

Estava alcançado o objectivo proposto. Nesse momento a nossa esquadilha de submarinos, composta pelo "Espadarte", o "Delfim" e o "Golfinho",



desfilava por entre os restantes navios com as guarnições formadas na ponte em continência.

Cerca das 18 horas, o batalhão de desembarque regressou à praia, onde o sr. vice-almirante Sarmento Saavedra o passou em revista. Seguidamente, os marinheiros tornaram a embarcar nos escalares para voltarem a bordo dos seus navios e os hidro-aviões que tinham amarrado junto à praia levantaram voo de



regresso às suas bases. Esta brilhante demonstração foi assinalada por dois desastres que só por um feliz acaso não tiveram trágicas consequências.

Um dos aviões "Fleet", tripulado pelo 1.º tenente Cardoso de Oliveira e pelo 2.º tenente Ferreira Bastos, no momento em que evoluçionava a 200 metros de altura sobre a praia, perdeu o motor que desprendendo-se do aparelho veio cair pesadamente na areia.

TUDO o que é pequenino nos encanta. O desabrochar da vida, nos animais e nas criaturas, é a fase mais encantadora da existência.

Os pintainhos, os patinhos, os porquinhos, os coelhinhos, enquanto pequeninos são uma maravilha que nos entenece. Nada mais gracioso do que um cachorrinho ou um patinho pequeno, as suas brincadeiras, as suas posições duma graça inimitável encantam-nos e seduzem-nos.

Mas, acima de tudo está a criança. O desabrochar da vida humana é enternecedor, sobretudo para a alma da mulher, que tem sempre em si, embora às vezes, por bravata o negue, o instinto maternal.

Esse instinto que faz com que a pequenita acarinie e adore a boneca, que não corresponde aos seus afagos, mas que é a representante do filho, que talvez mais tarde venha a ter.

Não há mulher que não tenha em si o instinto da protecção à criança. Um choro de criança sobressalta, a que mais indiferente se diz.

Mas esse instinto deve ser aproveitado e é necessário que essa protecção seja o mais eficaz possível. A criança necessita em absoluto dos maiores cuidados higiénicos, para que a sua saúde física seja perfeita.

Necessita do banho, da boa alimentação, mas quando digo boa não quero dizer exagerada, mas sim a que convem à sua idade e ao seu estado de saúde, do vestuário, que sem lhe tolher os movimentos, lhe abrigue o fragil corpinho e o perserve de tantos perigos que o espreitam. Mas estes cuidados físicos ainda não são tudo na vida da criança, é preciso que haja também os cuidados morais. Tem de se lhe formar a alma, de a desenvolver, de emendar os defeitos, que como as hervas daninhas invadem as searas, lhe invadem a pequenina alma...

Porque se é difícil criar uma criança, desenvolver-lhe os músculos, fortificar-lhe o sangue, torná-la um bom exemplar, é ainda mais difícil educá-la, fazer que tenha uma boa alma.

É difícil mas consegue-se, sobretudo se a mãe compreende o seu dever e sabe dedicar-se a essa linda missão da mulher, a de ser uma boa mãe.

E que missão mais bela pode ter uma mulher, do que formar almas? Mas é também uma das mais difíceis que no mundo existem. A mãe melhor que ninguém a pode desempenhar, porque tem quasi a obrigação de conhecer o feitiço moral de seus filhos.

E também como ninguém pode exercer nêles a melhor influência, porque as crianças em geral são muito mais fáceis de dominar pela força do afecto, do que pelo medo aos castigos.

Mas o que acontece muitas vezes e é muito grave é que o amor maternal, cega a mulher, e, faz com que a mãe deixe de ser a educadora que deve ser.

Nos filhos só vê, qualidades superiores, os defeitos, que os há sempre mesmo

A CRIANÇA

nas melhores almas, passam-lhe despercebidos. Só as qualidades lhe saltam aos olhos e até muitas vezes, esses defeitos lhe parecem as mais belas qualidades.

Nada mais prejudicial para as crianças

entre risos qualquer acto ou dito da criança que revela uma tendência para o mal.

Nunca ha motivo para rir e nunca se deve divulgar, antes a mãe deve fazer notar á criança, que é um segredo, que fica entre elles, uma coisa que acha tão mal, que não quer que ninguém a saiba.

Mas se é mau a mãe não dirigir como deve ser a educação de seus filhos, o que direi, dêsse hábito que algumas mães têm de entregar os seus filhos ás criadas, nem sempre competentes, para as aproximar, quanto mais para as dirigir.

Eu bem sei que os cinemas, os teatros, os bailes, os chás os "Ma Jong", as compras e as visitas ocupam muito o espírito e tiram muito o tempo, mas parece-me que os filhos devem ter na vida duma mulher, a primazia sobre todas as outras coisas e que a educação de seus filhos deve ser bem mais interessante do que o último "film", o galã em moda, uns escudos que ganha ao "Ma Jong", ou as conversas banais que tem, enquanto toma chá.

A formação da alma duma criatura humana é a tarefa mais interessante que pôde haver, quanto mais a formação da alma dum filho, que para a mãe deve ser a sua obra mais perfeita.

Quando no meio da nossa sociedade moderna, encontro uma mãe que compreende os seus deveres, e, felizmente ainda as ha, essas mulheres que antes de tudo põem os seus filhos e sentem que na vida nada poderá haver, para elas de mais interessante do que a saúde física e moral dos seus filhos, curvo-me reverente e considero-as das pessoas mais úteis que pode haver na sociedade humana.

As outras, as que não compreendem a grande missão que têm a desempenhar, essas inspiram-me um único sentimento: dó. Um dó profundissimo por vêr inutilizada uma vida que podia ser tão útil.

A criança é o sorriso da humanidade, a sua esperança, o seu futuro. Tudo o que por ela se faz é pouco.

O conde de Monsaraz ao afirmar que

*Uma criança que salta,
Que canta, que ri, que chora,
É uma risonha aurora
Que o coração nos esmalta.*

tinha razão.

Todos devemos trabalhar para ela, para a aperfeiçoar, para a melhorar, para que ela mais tarde possa fazer a outras pequeninas almas, que precisarão, da sua protecção, do seu apoio do seu aperfeiçoamento, o que hoje se faz por ela.

A criança é o futuro, a vida que eternamente se renova.

Maria de Eça.

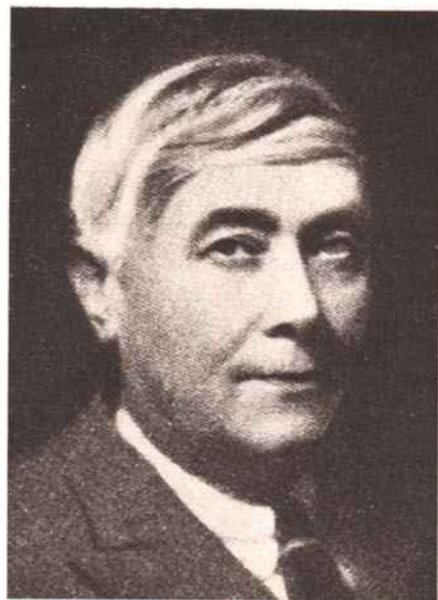


que têm o direito de esperar das mães, a educação, êsse bem, que mais tarde acompanhando a instrução as fará umas criaturas dignas de viver a vida social.

A mulher inteligente, aquela que compreende o seu dever de mãe, o que êle tem de grandioso e ás vezes de doloroso, não se deve cegar pelo amor aos filhos, deve estudá-los, deve penetrar nessas pequeninas almas que desabrocham e que são um terreno, onde se desenvolvem com a mesma facilidade, as boas ou as más qualidades, que podem fazer dêsse pequenino ente, mais tarde, uma mulher ou um homem, que sejam úteis á sociedade, ou criaturas perigosas.

É sempre com um arripio que eu oiço, mãis contar como graças de seus filhos,

Escritores estrangeiros em Portugal



Maeterlinck
Maurice

LISBOA acaba de ser visitada por alguns dos mais célebres escritores europeus que ficarão fazendo da nossa terra uma ideia mais perfeita, mais justa e mais completa.

Gostamos de ver entre nós o poeta-filósofo Maurice Maeterlinck, autor de tantas maravilhas, Miguel Unamuno, Wenceslau Fernandez Flores, Georges Duhamel, Jérôme Tharaud, Jules Romain, Ramiro de Maeztu, François Mauriac, Pierre Daye, Paul Crockaert e tantos outros que ficarão conhecendo de perto a nossa Pátria que muitos mapas teimavam em englobar com a Espanha numa espécie de iberismo inconsciente.

Todos esses altos espíritos irão convencidos do alto valor da nossa terra, e não deixarão de o registrar com as suas penas consagradas.

E, franceses, belgas ou espanhóis, serão os maiores defensores do brio português que teve origem na montanha dos Hermínios e se consolidou com a valiosa ajuda dos fidalgos da casa de Borgonha.

Portugal é ainda o mesmo que auxiliou a sua vizinha Espanha na batalha do Salado em que o bravo filho de D. Diniz se recusou a participar do espólio, limitando-se a levar como recordação do seu feito

Wenceslau
Fernandez
Flores



Georges Duhamel



Miguel Unamuno

um simples punhal de cabo cinzelado por qualquer artista moiro.

Os nossos ilustres visitantes, embora tivessem um tal ou qual conhecimento da existência de Portugal, ao passar o olhar sobre um mapa-mundo, quasi que não dariam com essa pequenina mancha que debrua um dos lados da península ibérica.

A sua visita foi oportuníssima, portanto. Assim ficaram fazendo uma ideia da be-



Jules
Romain

leza deste país, e das altas virtudes cívicas do seu povo. E se em vez de se limitarem a ver Lisboa, fôssem num cruzeiro por esses mares, aportando em todos os nossos domínios coloniais, fariam então uma ideia mais perfeita da grandeza do esforço português que foi o detentor do maior império do mundo e ainda conserva as mesmas virtudes raciais. A nós, portugueses, não ficaria bem enaltecer o valor da nossa terra quando essa tarefa cabe a todos os estrangeiros que nos queiram fazer justiça.

Para isso era necessário conhecer Portugal, era preciso vê-lo e auscultá-lo no amago do seu coração. Foi o que os nossos ilustres visitantes fizeram. Estamos certos, portanto, de que páginas magníficas vão ser escritas mostrando, em toda a verdade, as impressões colhidas pelos seus insignes autores.

Na impossibilidade de nos referirmos a todos os altos espíritos que tiveram a gentileza de nos visitar, pois são numerosos, a todos damos as mais entusiásticas boas vindas, reiterando-lhes a nossa profunda gratidão e salientando-lhes que neste nosso querido torrão de tão belo clima e tão nobres tradições terão sempre que queiram uma casa às suas ordens.

Ramiro
de
Maeztu





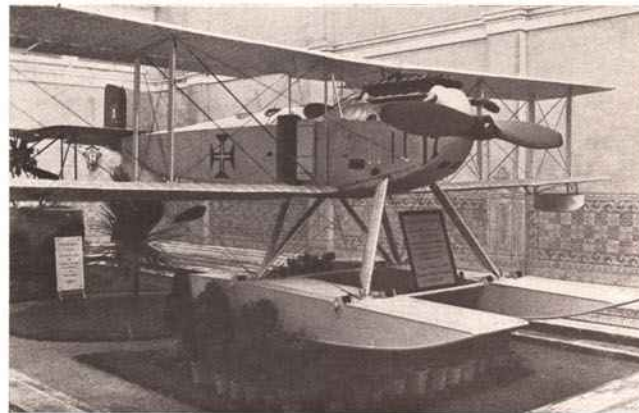
No Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII inaugurou-se no dia 1 deste mês a I Exposição Internacional de Aeronáutica, iniciativa do Aero Club de Portugal, que obteve o mais assinalado e merecido êxito.

Aparelho Caudron-Renault

Fizeram-se representar no certame casas construtoras de diversos países europeus. Dêste modo, a Exposição proporcionava ao visitante a ocasião de apreciar o desenvolvimento da aviação e, simultaneamente, a de recordar o esforço dos portugueses nesse domínio e algumas brilhantes realizações a que o nome do nosso país se encontra ligado.

No hall encontra-se exposto um auto-giro «Avro» do tipo La Cierva que foi muito admirado, sobretudo por constituir novidade entre nós. A sala contigua era ocupada pelo Ministério do Ar francês. Viam-se ali vários tipos de aviões, aparelhos de bordo, acessórios de avião e motor, material de iluminação, quadros históricos, estatísticas e história das linhas aéreas comerciais, indicações técnicas, pára-quadras, o famoso aparelho «Delmotte» que atingiu a velocidade de 505 quilómetros e muito outro material que despertou grande interesse. Na ala esquerda do Palácio podiam ver-se aparelhos de fotogrametria, mode-

lho «Santa Cruz»



UMA BELA INICIATIVA

Exposição de Aeronáutica nos mares e nos ares

Portugal triunfador

los de hidro-aviões e aparelhos de caça, marca de essências e uma curiosa apresentação pela «Air France» do hidro-avião gigante «Lieutenant de Vaisseau de Paris». A sala principal do Palácio, artisticamente decorada, oferecia surpreendente efeito. Suspenso do tecto via-se o hidro-avião sem motor «Portugal», construído pelo engenheiro Varela Cid; ao fundo o «Dili» e do lado oposto o quadro das viagens aéreas realizadas pelos portugueses, admirável trabalho executado pelo sargento-ajudante Sousa, do Grupo de Esquadrilhas de Aviação «República». Espalhados pela sala encontravam-se numerosos modelos de aviões «Junker», «De Havilland», «Hawker», «Fairrey», «Caproni», «Wallace», etc. Foi muito admirado o propulsor inventado pelo português Carlos

A abertura solenizava a Exposição



Galo que pretende ser possível obter com êle velocidades muito maiores que as actuais. Uma questão nos tribunais norte-americanos tem impedido até hoje a exploração prática d'êste invento que muitos técnicos dizem ser sensacional. Despertou também grande curiosidade um modelo do sextante de Gago Coutinho construído na Alemanha.

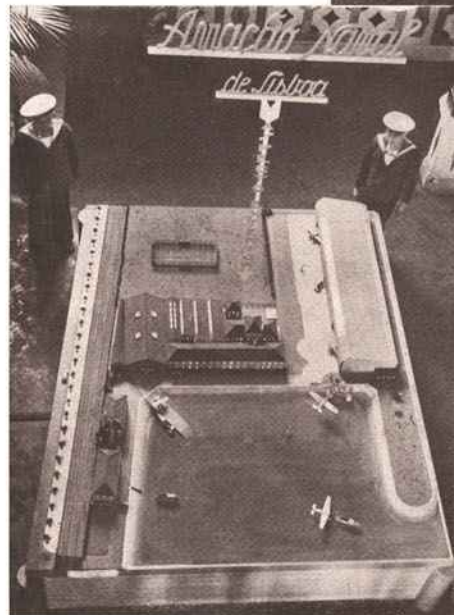
A Itália fez-se representar na Exposição por diversas «maquetes» de aviões. A Checo-Eslováquia expôs alguns dos seus motores «Altera». A fábrica Armstrong Siddeley apresentava um potente motor em funcionamento. Noutros «stands» estavam expostos pára-quadras, condutores eléctricos para rodas, equipamentos «Standard» de T. S. F. para aviões, aparelhos de bordo, etc.

Junto do «stand» do Aero Club, esplanado com bandeiras e troféus desportivos, encontrava-se uma curiosa escola de pilotagem que suscitou grande interesse entre os visitantes.

A representação dos organismos nacionais era numerosa e constava, especialmente, de motores, carburadores, bombas de gasolina, partes do motor, material de inflamação, quadros e diagramas, aerostação, navegação aérea, tiro aéreo, bombardeamento, fotografia aérea, transmissões e meteorologia. Apresentaram «stands» cuidadosamente organizados a Direcção da Aeronáutica Naval, o Centro da Aviação Marítima, a Escola da Aviação Gago Coutinho, a Direcção

da Aeronáutica Militar, a Inspecção da Aeronáutica Militar, as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, o Grupo de Aviação e Informação n.º 1, a Escola Militar de Aeronáutica, o Grupo Independente de Aviação e Bombardeamento, o Grupo Independente de Aviação de Protecção e Combate, o Batalhão de Aerosteiros e os Serviços Meteorológicos do Exército.

Para bem se avaliar do meritório esforço da nossa indústria, as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico expuseram um quadro das viagens realizadas com aviões inteiramente construídos em Portugal. Esses aviões, num total de 24, provam a alta competência dos técnicos portugueses que, apesar das deficiências materiais com



concedendo ao padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, em 1709, o privilégio de invenção dos balões. É a primeira vez que êste documento, comprovativo da prioridade dos portugueses em matéria de navegação aérea, sai do Arquivo da Torre do Tombo, a que pertence.

Como é natural, o vôo de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Rio de Janeiro encontra-se amplamente documentado na Exposição. Viam-se ali o sextante do almirante Gago Coutinho, que orientou a primeira travessia do Atlântico Sul; o «Livro de recados», impressões escritas trocadas durante a viagem entre Sacadura Cabral e Gago Coutinho, e, numa manifestação de saudade, as condecorações daquele malogrado aviador e o seu retrato envolto na bandeira nacional.

Os «Escoteiros do Ar» apresentaram um «Pou

du ciel» construído por êles sob a direcção do sr. Fernando Vale. Do lado esquerdo do Palácio, ao ar livre, estiveram expostos o histórico hidro-avião «Santa Cruz», que completou a viagem Lisboa-Rio de Janeiro, e um aparelho F. B. A., o primeiro construído em Portugal.

Despertou, também, bastante interesse a escola de apêlido de pilotagem «Reid Sigrist», que forneceu aos visitantes a oportunidade de se sentarem na carlinga de um avião e de manejarem os comandos.

Esta I Exposição Internacional de Aeronáutica constituiu, como dissemos, um assinalado êxito. Os seus objectivos foram lucidamente definidos pelo almirante ar. Gago Coutinho que no prefácio do catálogo escreveu o seguinte:

«Satisfeita a sua aspiração de voar, o homem depressa compreendeu que tinha descoberto um optimo recurso, não só para a guerra como também para os serviços comerciais. Contudo, quanto aos portugueses, êles viram na aviação, principalmente, uma satisfação do seu inato espirito de aventura, sem os interesses o lado prático, que seria a criação da «mala-postas» aérea.

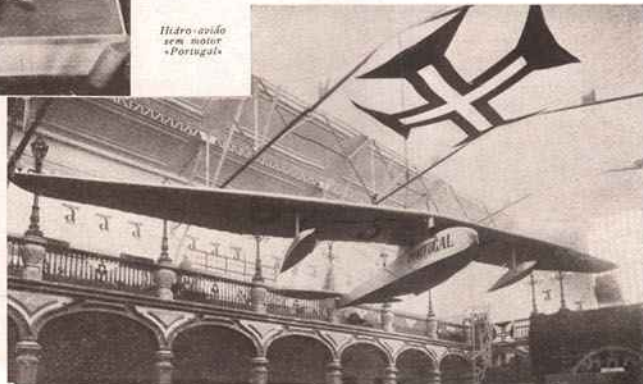
«Esperemos que a importância da nossa primeira Exposição de Aeronáutica logre convencê-los de que «voar» tem utilidade geral, e de que todos devemos concorrer para que essa maneira tão rápida de vencer as distâncias, longe de poder ser sóregamente explorada, seja inteligentemente animada».

que lutam, realizam trabalho que os honra. Outro organismo oficial que se fez representar foi o Instituto de Orientação Profissional, em cujo «stand» se viam aparelhos especiais para selecção de aviadores.

A Exposição era particularmente abundante na parte bibliográfica. Contribuíram para ela o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, as bibliotecas Nacional de Lisboa, da Ajuda, da Universidade de Coimbra e de Évora, e deram também exemplares das suas colecções os srs. almirante Gago Coutinho, Tedeschi, Correia Neves, marquês de Faria, Luiz Keil, Carlos Cudell, Pinheiro Correia e dr. Gouveia de Carvalho.

Entre as publicações expostas figuravam cartazes, livros científicos e de divulgação, edições comemorativas de grandes voos, etc.

Numa vitrina via-se o alvará de D. João V



Hidro-avião sem motor «Portugal»

Maquete do Centro de Aviação Marítima



O PINTOR ENCANTADO DE LISBOA

rada e vai daí patenteou-se em tôda a sua pujança em quadros magníficos que nos mostram a sempre linda Lisboa que, tendo oito séculos de portuguesa, tem vinte primaveras de mocidade.

Muitos pintores têm pintado as suas amantes em telas primorosas que as eternizam. Leonardo pintou a Gioconda, Rafael a Fornarina, Andrea del Sarto a fatal Lucrecia della Fede, Rubens a autoritária Helena Froment, e assim sucessivamente.

O pintor Braumann pintou e continua a pintar a cidade encantadora em tôdas as suas expressões.

Lisboa deve-lhe a maior gratidão, e nós a mais alta admiração e reconhecimento.

Nas horas vagas, o artista desce da sua casa da rua do Salitre e entretem-se a focar a cidade com

a sua máquina fotográfica. Vem a propósito dizer que o dr. Braumann é um fotógrafo consagrado, de cuja câmara escura saem verdadeiras maravilhas.

Fotografando uma pessoa, sonda-lhe a alma e forçado a reconhecer que o retratado é forçado a reconhecer que lhe adivinharam o pensamento. Quando uma fotografia fica perfeita, é costume dizer-se:

"Belo retrato! só lhe falta falar!" Pois as fotografias do dr. Braumann falam... Calculem que até as mãos dos fotógrafos têm voz!

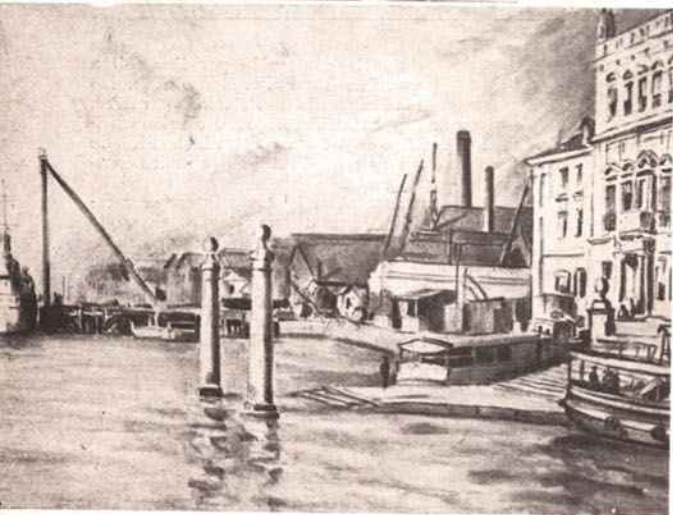
E, ao que

mos maravilhados com as numerosas telas, desenhos a lapis, à pena, sanguíneas que ali se aglomeram.

Lisboa estava ali retratada por um dos seus mais fervorosos namorados.

E, agora, que esta formosa cidade se engalana nas suas festas, que se mostra em tôda a sua beleza, em tôda a sua alegria e vivacidade, seria natural que fôsse tirar o retrato, uso velho em todos os acontecimentos festivos. Está satisfeito êste natural desejo.

Lisboa está retratada pelo dr. Braumann



que continúa a namorá-la, a amá-la, a querer-lhe bem, dando o mais belo exemplo àqueles que, sendo lisboetas, nunca lhe souberam ligar a importância merecida.

No decurso duma rápida entrevista verificamos que êste artista é um verdadeiro erudito que alia ao seu natural talento uma cultura extraordinária. Estudou, frequentou universidades, correu mundo, encheu os seus olhos na beleza que foi



nos consta, o artista fez isto por mera distracção.

Numa rápida visita que fizemos ao seu atelier fica-

encontrando e reproduzindo com o seu pincel mágico. Finalmente, aportou a Lisboa e aqui se conserva.

Eis, portanto, a nossa profunda gratidão.

TEMOS entre nós — é bom que se saiba — um grande pintor alemão, o dr. Max Braumann que se tem dedicado a fixar na tela os mais belos aspectos de Lisboa. Devemos-lhe gratidão. Além do seu talento, que é magistral, nota-se o carinho com que êste ilustre artista trata da nossa terra.

Artistas tem havido que, embrenhando-se uma vez nos encantos do Extremo-Oriente por lá ficam encantados, e sem vontade de regressar à sua pátria.

Com o dr. Braumann dá-se quasi o mesmo, embora nunca deixasse de amar a terra que lhe foi berço. Viu Lisboa e encantou-se.

A sua alma de artista sentiu-se inspi-



A LINDA OLISSIPO

Como seria Lisboa pouco antes do terramoto de 1755

sem, contudo, evocar o seu bravo conquistador

D. Afonso Henriques

A evocação da Lisboa antiga que Matos Sequeira fez surgir sôb um luar fictício mas bem apresentado, deunos perfeitamente a ideia de tudo o que este ilustre investigador é capaz.

O curioso bairro que fez erguer sôbre as ruínas do antigo convento das Francinhas representa um verdadeiro prodígio de rapidez, erudição e bom gosto.

Voltamos a encontrar a velha e sempre formosa Lisboa com todos os seus defeitos e encantos do século XVII, impregnada do preciosismo peralvilho que o seu amado rei D. Fernando nunca usou, e do fanatismo fradêsco que o glorioso fundador da nacionalidade não apreciava muito, apesar da famosa contribuição das quatro onças de ouro que nunca pagou.

Gostamos de vêr — lá isso gostamos — êsse bairro evocador da linda Lisboa pouco antes do terramoto de 1755.

Mas teríamos gostado muito mais de

vêr uma Lisboa que nos evocasse a maior glória do nosso passado heróico e nos lembrasse as virtudes da raça e não os defeitos a que as cidades cosmopolitas são azeitadas.

Esta Lisboa do século XVII não é com franqueza, do nosso agrado porque não representa o nosso passado heróico. Poderia estar agitada por almocreves, vendilhões, homens de lança ou espada e rufiões jogando as cartas por entre pragas e pichéis de vinho, que nem assim daria uma pálida ideia da Lisboa do tempo de D. Sancho I e do chanceler Julião.

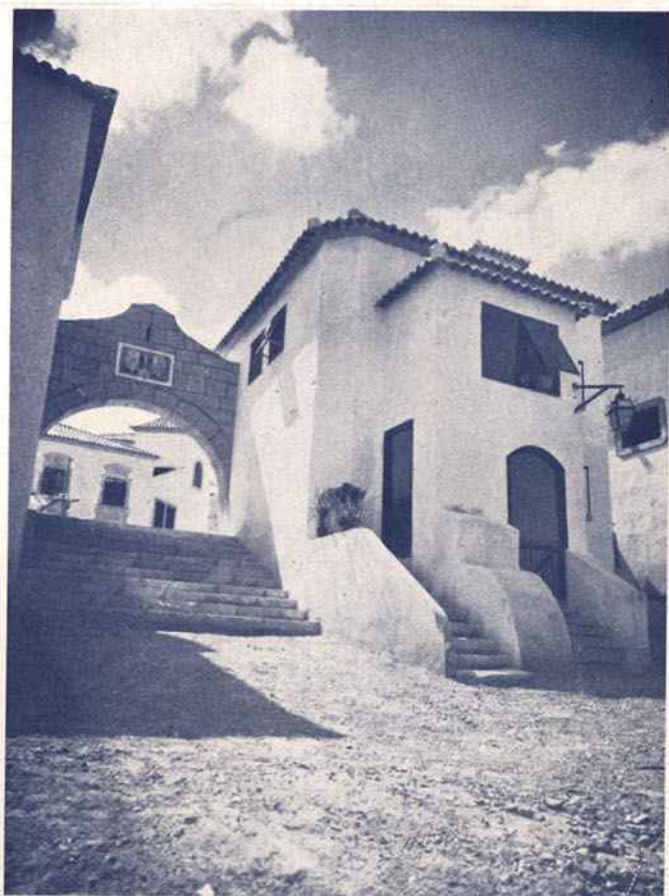
Poderia ostentar pelas suas ruas tortuosas, banhadas de luar, cegos cantando xácaras de amor que endoidavam donas e cavaleiros, espadachins de farta bigodeira, liquidando às estocadas uma questão fútil, que nem assim nos evocaria a Lisboa de D. Pedro I que descia à rua a vigiar a sua justiça e a bailar com o povo.

A nosso vêr, Lisboa começou muito antes disso. No século XVII era já uma devassa que, no dizer autorizado de Herculano, descera à beira do Tejo a entregar-se ao estrangeiro como a Oola e Oliba do livro do profeta Ezequiel.

Ah! a Lisboa de outros tempos! A verdadeira Lisboa dos reis da primeira dinastia!

Que maravilhosa evocação o sr. Matos Sequeira teria feito, se quizesse!

Gostaríamos de vêr uma Lisboa antiga, ante cuja porta todos os lisboetas



Um trecho da Lisboa Antiga, segundo a reconstrução de Matos Sequeira

ajoelhassem antes de entrar, em homenagem à memória de Martim Moniz que os tornou portugueses com o seu sacrifício heróico.

E a Lisboa dêsse tempo tinha muita coisa que vêr e admirar.

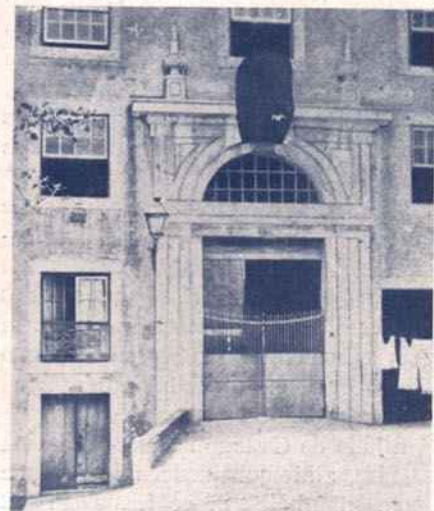
Se assim se tivesse feito, acompanháramos o saudoso Júlio de Castilho que nos havia de repetir:

“Veríamos as barracas dos vendilhões; o grande carro de mulas, de tódo recurvo, puro cartaginês e romano, e cuja fiel representação topei nas *Antiguidades*, de Rich, tal

O palácio do conde dos Arcos



Acasa da Severa que não está nem devia estar na Lisboa Antiga, bem que seja uma das glorias de Leão de Barros





Lisboa do século XVII banhada de luar

qual o vemos hoje, cada dia, atravessar de manhã as ruas orientais da Baixa, ou arrastar-se ao longo das soalheiras estradas sem fim do Além-Tejo ou da Beira.

"Veríamos o mísero burro de carga, um dos heróis mais perseverantes e mais infelizes da civilização de todos os tempos, o companheiro do camêlo e do escravo, no dizer do *Gênesis*, o trabalhador indefeso, que desde Varrão até Vanière, e de Vanière até nós, tem seguido, sempre melancólico e de lombo carregado, a estrada pulverulenta da labutação humana. Sim, vê-lo-íamos (e por que não?) no mercado de Lissibona, entendendo duas ou três palavras árabes: *arre* e *chó*; ajoujado com o seu albardão mauritano de volta em meia lua, que desponta de sob os enormes ceirões ponteados de esparto torcido, usados ainda cá e em tôda a Berberia; ou carregado de água em bilhas como ânforas, engatadas em madeiros recurvos sôbre o albardão, como ainda hoje vemos pelo Além-Tejo e pelo Algarve, com um tipo perfeitamente arcaico, e talvez afinado num quadro do tempo dos Faraós.

"Veríamos na mão dos compradores as alcofas tão muçulmanas, e tanto das nossas casas ainda.

"Veríamos os cabazes vindimos de bôca larga, vergados de comestíveis orientais, de frutas riquíssimas, cheirosas, tais como as deram sempre as nossas hortas e quintas, e que tanto deleitam e atraem com as suas côres petulantes e alegres o observador matinal dos barracões verdes da Ribeira Velha."

E Júlio de Castilho mostrar-nos-ia, em seguida, a Mesquita maior no sitio onde se encontra hoje a Sé, em frente da Porta

do Ferro, "onde, a certas horas, os fiéis iam invocar Allah contra as matilhas dos cristãos, cuja arrogância já de longe os ameaçava".

E continuaria cada vez mais sugestivo: "A tez pálida e o aspecto grave e sereno do moiro, essencialmente fatalista e melancólico, no seu *burnuz* branco, de cabeça envolvida no capuz, como ainda usam os tangerinos, tudo isto diz bem com o negro das vielas, e com a luz recolhida das adufas. Uns permanecem de pé, encostados aos ombrais; outros conversam taciturnos acorados à porta das suas mesquinhas habitações escurecidas de gelosias ou rótulas.

"Compraz-se a ima- *Um aspecto curioso*

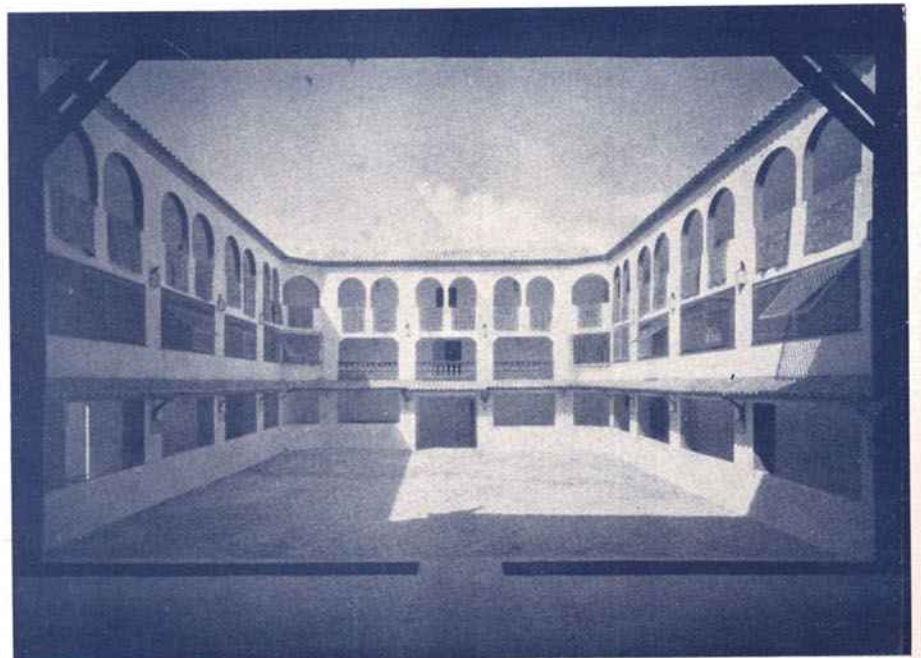
ginação em ouvir os adufes ou pandeiros, e os alaúdes ociosos, a deslizarem pelas ruas escuras, frouxamente iluminadas do luar; esfumam-se no vago da noite aqueles vagos motivos namorados, lamentações monótonas na mesma frase, que ainda tão notas são, e que, a poder de repetidas, nos embatem e subjagam como carpir de noras, ou marulho teimoso de águas correntias.

"Ao longo das calçadas, muitas em degraus, como de Mombaça diz Barros, e como em parte é ainda a moderna Lisboa, seguem a passo demorado as moiras lisboetas, com o interessante rôsto meio envolvido nos seus veus brancos, ou carregando em ôdres à cabeça, ou em cântaros, cuja forma se perpetua na cerâmica popular, a água ritual das abluções.

"Atravessam aqui, ali, de caminho para mercados ou bazares, as opas brancas da moirisma civil, as *addaras* ou saíos de malhas e os *almafres* ou morriões da soldadêsa, os *albornosos* dos mercadores, e os *alquicês* da burguesia.

"Pela noite rasgam o silêncio os ladridos da canzoada vãdia, basta como em tôdas as cidades muçulmanas, ou os brados das velas por sôbre o *adarbe* da muralha, ao longo da qual se encrespam as ameias faceadas, de que tão graciosas amostras restam em Sintra, na Alhambra, em Marrocos, em Sevilha.

"A beirinha do Tejo vê-se orlada de barcos de pesca semi-piratas; e desde manhã, entre o rumor das ruas altas, mesclado da algazarra gutural dos idiomas árabes e forasteiros, bem como dos pregões mais ou menos melodiosos da venda ambulante, ergue-se para o céu a exortação solene e roufenha dos almoadens nos



minaretos: "Só Deus é grande! só Deus é grande! vinde, fieis, à oração!"

E Júlio de Castilho remataria:

"Isso era a Lisboa moira, a princesa do Tejo, que tão prestes havia de ir depôr a corôa no regaço dos nazarenos..."

Afinal, o bairro da Lisboa antiga que nos foi dado vêr, veio evocar-nos, e magnificamente — honra ao seu criador! — esta cidade pouco antes do terramoto, na intenção talvez de que, nessa altura, é que seria mais interessante.

Talvez tivesse razão.

Essa Lisboa que Matos Sequeira, à semelhança dum génio dos contos de fadas, fêz surgir repentinamente, representa um grande esforço que merece tôda a nossa admiração.

Quer-nos parecer, no entanto, que faltaram ali uns azulejositos hispano-árabes, a não ser que a baça luz do luar os tivesse velado aos nossos olhos profanos.

Notamos também falta de argolas para prender os animais de carga que nesse tempo abundaram mais do que hoje, a-pesar-de tudo.

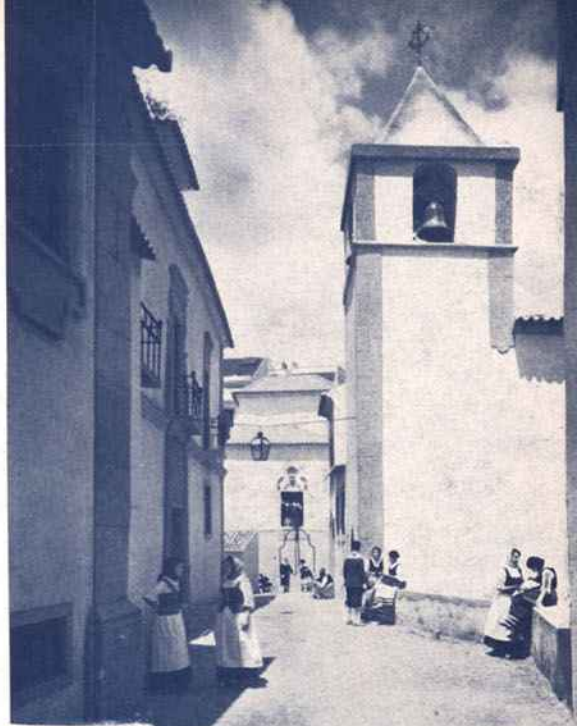
Pequenos pormenores, no fim de contas, que poderiam ter escapado até a qualquer mestre de obra dessa época.

Nem tudo lembra. Nessa lufalufa de construir rapidamente, natural seria que se notasse pequenas faltas.

Não é por êsse lado que observamos o bairro antigo do sr. Matos Sequeira. Desejariamos vêr uma Lisboa mais môça, em tôda a pujança da raça que a criou, sem contudo perder os restos dessa herança árabe que

— valha a verdade! — lhe fazem realçar ainda mais a beleza.

Se o sr. Leitão de Barros tomou à sua conta o período de D. João I para dar uma ideia da bravura indomável dos guerreiros que apoiaram a fundação da segunda dinastia, o Bairro Antigo de Lisboa deveria ser do tempo de D. Fernando, por exemplo. Assim o cortejo histórico seria o complemento da obra do sr. Matos Sequeira e o povo compreenderia melhor. Se êsses dois grandes obreiros se empenharam em dar brilhantismo com o seu fulgente talento a estas festas que devem ficar memoráveis, não podiam desdenhar a mútua colaboração. E, no fim, tudo sairia melhor, mais perfeito e mais



compreensível. Houve também quem achasse a Lisboa antiga muito monótona sem o ruído natural do povo e sem a música garrula para a qual esta nossa gente teve sempre uma grande inclinação. Porque não houve mais movimento, mais vibração e mais entusiasmo?

A Lisboa do século XVII seria assim triste como um cemitério banhado por um luar de prata? Dessas coisas sabe o sr. Ma-

*Três aspectos
sugestivos*

tos Sequeira mais do que nós todos juntos. No entanto, fazemos a pergunta que é, de resto, a que tôda a gente está fazendo.

Lamentamos não vermos uma Lisboa mais antiga e julgamos encontrar na escolha feita um novo esquecimento dos feitos prodigiosos dos soberanos da primeira dinastia.

Foi isto o que nos doêu e ha de continuar a doêr-nos enquanto Lisboa não saldar a dívida que tem em aberto.

O povo deve conhecer e admirar a sua cidade do século XVII e continuar a ignorar o que poderia ter sido nos gloriosos tempos da batalha de Ourique em cujo campo nasceu a sua independência? Deveria continuar a desconhecer a quem se deve a conquista desta formosíssima cidade?

E porquê? Talvez considerassem que a Lisboa do século XVII é que estava no apogeu do esplendor...

Ou então — quem sabe? — para não aludirem à figura do seu imortal conquistador que ainda não tem uma rua, praça ou bêco a lembrar o seu nome glorioso.

Ao próprio Martim Moniz, que se encontra na porta do castelo de S. Jorge, partiram o nariz com uma pedrada sacrílega. Dir-se-ia que os lisboetas nunca perdoaram a proeza que tornou portugueses.



«Damas» e «Doutelias»



Três figurantes

LISBOA conseguiu uma visão dos torneios medievais, graças ao arrojado realizador Leão de Barros. Realizou-se em pleno claustro dos Jerónimos, na intenção de conquistar ambiente próprio. É certo que as pedras do famoso claustro manuelino não falam; limitam-se apenas a evocar a partida de Vasco da Gama para a Índia e o seu regresso triunfante, a despeito do pessimismo derrotista do Velho do Restêlo.

Acabou-se... D. João I, o barbi-ruivo atarracado que, graças à poderosa dialética do dr. João das Regras e, sobretudo, à espada de dois gumes do Condestabre D. Nuno Álvares Pereira, conseguiu fundar a segunda dinastia, apareceu no claustro dos Jerónimos que só cento e tantos anos depois deveria ser construído à ordem de D. Manuel I, o «Venturoso».

D. João I apareceu. O mais interessante é que aparecesse, quando mais não fosse para mostrar que não se sentira vexado pela recusa que a «Flôr da Altura» lhe fizera em não lhe conceder a sua mão de esposa.

Foi melhor assim. Casou com a senhora D. Filipa de Alencastro, dama de alta nobreza e de tão extraordinários dotes morais que, ao surpreender o régio esposo beijando uma aia, aceitou com a maior diplomacia a desculpa célebre: «Foi por bem!».

É «por bem» também que traçamos estas linhas evocativas do nosso passado heróico. Em boa verdade, gostaríamos

que um tal torneio se fizesse, mas obedecendo rigorosamente à sua característica histórica.

As pedras dos Jerónimos não falam...

Ah! mas se falassem diriam que nunca, adentro dum claustro, lugar sagrado, todo dedicado à meditação e à penitência, se efectuaram justas e torneios.

Essas pedras gloriosas, que são a mais gloriosa evocação da época dos descobrimentos, diriam que não tinham a menor ideia da Ala dos Namorados, nem dos senhores Layaya de Oriot, Liz de Neuchatel, Beauchamp, Chaulivant e outros da ilustre raça borgonhesa.

Diriam, embora com mágua, não terem conhecido os valentes Vila Nova, Varesolo, Topaco, Lobreira, Barba Longa, nem o seu comandante Alvaro Gonçalves Coutinho, o celebrado Magriço, pois tinham sido alinhadas como estroles desse glorioso «poema de pedra» muitos anos depois, quando os ossos desses heróicos Doze de Inglaterra estariam pulverisa-

EVOCACÃO D PASSADO

UM TORNEIO MEDIEVAL NO CLAUSTRO DS JERONIMOS

A alma venturosa dos Magriços revive nas pedras mudas e rendilhadas de Belém

dos pela acção do tempo. Mas, apesar do anacronismo e da falta de respeito aos lugares sagrados e consagrados à meditação e à penitência, D. João I apareceu no claustro dos Jerónimos, satisfeito e contente, como se tivesse ganhado uma nova Aljubarrota.

Nun'Alvares também compareceu com o elmo constelado de pedrarias, apesar da grande humildade que sempre manifestou e do desprêso enorme que sempre teve por todas as honrarias de que lhe haviam feito mercê. O nobre conde de Ourem apercebia-se de que a posteridade o havia

imortalisar sem títulos de mercê, dando-lhe apenas o seu verdadeiro nome ou a única designação que lhe competia: Santo Condestabre.

Orou:

«Bem hajais de Cristo Nosso Senhor, pelo jeito com que saudais este humilde pecador. Condestabre me dizeis, mercês do meu coração, mas pouco tempo haveis de tal dizer com razão».

Era assim mesmo o Santo Condestabre. Leão de Barros apanhou-o em flagrante sem ter subido às ruínas do Convento do Carmo, onde o excelso patrióta, que devemos tomar como



Dois senhores evocados no claustro



A rainha e as suas damas de honor



e com esta darei tantas e tão grandes dádivas, principalmente àquêles estrangeiros que a grandeza e doçura dos benefícios que lhe eu fizer lhes ponha necessidade de os apregoarem grandemente ante todos os seus amigos. E em fim destas cousas farei meus filhos cavaleiros».

U m a lixeira exemplo, agonizou abraçado a um crucifixo.

Vimo-lo impante no convento de Santa Maria de Belém.

Mas as pedras, essas gloriosas pedras não falam...

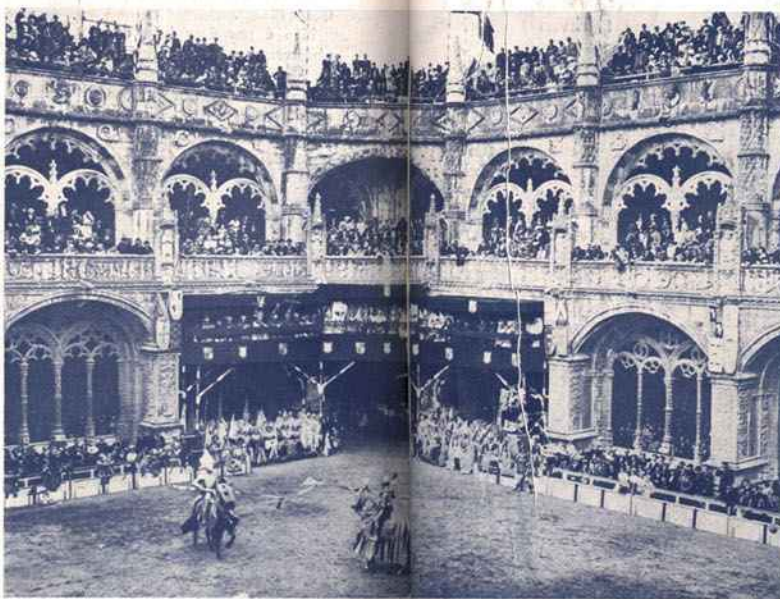
Ao ver o senhor D. João I, evocamos a fala que dirigiu a seus filhos e as crónicas registam:

«Se me Deus por sua mercê traz assocego a este reino por firmeza de pazes com Castela, eu queria ordenar umas festas, que durem todo um ano, para as quais mandarei convidar todos os fidalgos e os gentis homens que tiverem idade e disposição para tal feito, que houverem em todos os reinos da cristandade, e ordenarei que nas ditas festas haja notáveis justas e grandes torneios, e mui abastosos convites, servidos de tôdas as viandas que por todo o reino e fóra dêle se possam haver, e assim danças e outros jogos, e serão tantos e tais que assim dêles como de tôdas as outras cousas as gentes que os virem tenham que sôbre a grandeza dello não se possam fazer outras maiores,

Isto disse D. João I, ao que o conde de Barcelos lhe retorquiu em nome dos restantes:

«— Vamos falar a el-rei nosso senhor e padre, e digamos-lhe que ordene alguma cousa em que possamos fazer de nossas honras, onde nos êle possa fazer cavaleiros, como pertence à grandeza de seu estado e à excelência do nosso sangue, cá pois as pazes com Castela estão firmadas e da de Grada não temos esperança certa, não há aí, pelo presente, cousa nenhuma azada em que possamos receber estado de cavalaria, se novamente não fór buscado.

«Pela maneira que sua senhoria tem vontade de o fazer todo, é cousa de pequeno valor pera a grandeza de tamanho feito, que, por grandes que as festas sejam, nunca o seu nome é de grande valia pera semelhante caso, porque semelhantes pessoas, nos grandes feitos de fortaleza com grandes trabalhos e perigos, vendo o sangue dos seus inimigos espargido ante seus pés, só é de receber agrado de sua cavalaria, e os filhos dos cidadãos e dos mercadores, cuja honra se não pode mais estender, que a semelhante estado, e de serem cavaleiros, a êstes é cousa convi-



nhável de serem festas feitas e jogos, porque tôda a força de sua honra, está na fama da sua defeza».

Evocamos o tempo de D. João I e a fala do nobre conde de Barcelos que as pedras dos Jerónimos não tiveram a honra de conhecer pessoalmente.

No entanto, admiramos a prodigiosa realização de Leitão de Barros, apesar dos seus anacronismos. Acabou-se. O povo, que não se preocupa com êstes rigorismos históricos, gostou, como gostaria se o pai do infante de Sagres aparecesse vestido à época, guiando um magnífico automóvel de boa marca.

Não é nossa intenção desfazer na realização de Leitão de Barros, cujo talento é sobejamente conhecido por variadíssimas obras de destaque.

Não achamos — lá isso não achamos — que o claustro dos Jerónimos fôsse o local mais apropriado para o torneio.

Quando não pecasse por anacronismo, seria sempre um lugar sagrado.

Daí o nosso reparo.

Quanto ao resto tudo correu bem.

Em tempos que não vão distantes, quando o Teatro de S. Carlos era o barómetro mundial do valor dos maestros e cantores líricos, havia críticos tão exigentes que levavam consigo a partitura que estivesse sendo executada, e, seguindo-a, nota a nota, marcavam os defeitos da execução, se os houvesse. Não levamos tão longe o nosso rigor sobraçando a «Crónica de D. João I» em todos os seus volumes, tanto de Fernão Lopes como de Gomes Eanes de Azurara.

Para quê? Se o público gostou e aplaudiu e as sagradas pedras de Santa Maria de Belém nada disseram, deveríamos nós fatigar os leitores com caturrices históricas?

Já agora, aludiremos ao cortejo histórico que os jornais proclamaram como o regresso

Quatro grandes damas do paco



do Mestre de Aviz da batalha de Aljubarrota. Mas, francamente, nessa época ainda D. João I estava solteiro aguardando talvez a última palavra de D. Leonor Telles. Pois no cortejo figuravam D. Filipa de Lencastre e os seus filhos já crescidos e armados cavaleiros com todas as hon-

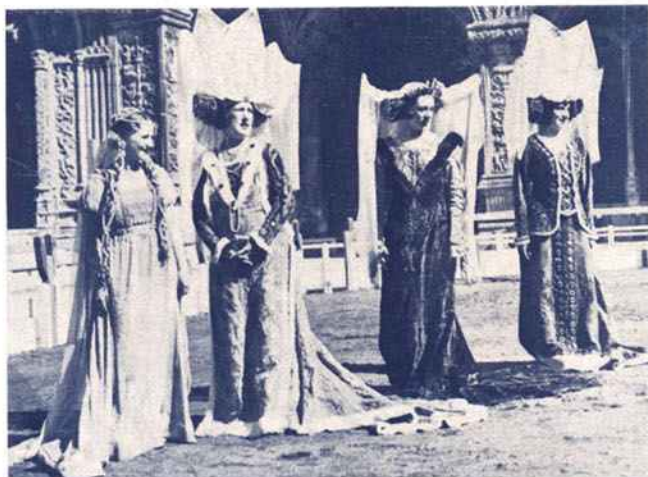
ras inerentes ao seu real sangue. Mas talvez tivesse havido engano. Após o regresso de Ceuta? Mas o Santo Condestabre ainda estava muito moço pelo que observamos. Por sua vez, o Infante de Sagres seguia já meditando, congeminando já o período

Como nos tempos do Magriço

glorioso dos descobrimentos de que foi iniciador. Em que data se teria efectuado êsse cortejo no qual figuravam todos os grandes vultos da época? O Infante Santo já teria deixado os magros ossos no seu cativo de Fez? D. Duarte já teria esboçado o seu método de bem cavalgar em tôda a sela? Eis um mistério que só o sr. Leitão de Barros, nos saberá desvendar se quizer.

Gostaríamos de aprender, visto o saber, como usa dizer-se, não ocupar lugar. **Gomes Monteiro.**

Em baixo: Mais donas e donçel.



A época estival do atletismo inaugurou-se com um encontro internacional da equipa lisboeta que, um pouco prematuramente mas forçada pelas circunstâncias, se deslocou a Barcelona de frente os catalães.

O facto não foi ainda analisado com verdade e critério justo, porquanto a quasi totalidade dos jornais não especializados se limitou ao simples anunciado dos resultados e em "Os Sports", único órgão desportivo com larga expansão e créditos firmados, escreve alguém que não merece a confiança nêlo depositada e se serve da situação que usufrue para deturpar a verdade ao sabor das suas paixões, criando no espírito público errados conceitos e fomentando um lamentável ambiente de derrotismo e desconfiança.

A equipa de Lisboa, convidada para visitar a capital catalã nesta época ou em nenhuma outra, tinha o dever de não recusar a sua deslocação e os respectivos dirigentes não tinham o direito moral de privar os melhores atletas, a pretexto de forma insuficiente ou de defecções insubstituíveis, duma viagem agradável e compensadora dos seus esforços de tantos anos, sem mira na mínima compensação.

Batida por 20 pontos, diferença sensível mas não esmagadora — lembremo-nos que a França recebeu 32 pontos de diferença da Alemanha e não houve por isso quebra de brio desportivo —, a representação lisboeta lutou com entusiasmo e, apesar de perseguida pela adversidade, conquistou algumas victórias interessantes mostrando que em melhores condições nos podemos equiparar aos catalães. Adelino Tavares, Martins Vieira e Guilherme Vasconcelos foram os vencedores de Barcelona, como o teriam sido Garnel se os seus afazeres permitissem que se ausentasse, e Herculano Mendes, se tivesse do espírito desportivo e do respeito devido aos camaradas uma noção mais exata.

Ao contrário do que se tem escrito, consideramos o encontro de Barcelona absolutamente útil, permitindo aos nossos rapazes que travem conhecimento com meios diferentes e observem o que é a prática do atletismo nos países onde existem os recursos indispensáveis ao progresso e aperfeiçoamento dos especialistas. Viram uma pista, viram um estádio que é dos mais lindos do mundo e agora melhor saberão apreciar a falta que lhe está fazendo o projectado Estádio Nacional.

Depois duns campeonatos universitários cuja mais apropriada designação é a de autêntica lástima, a actividade atlética prosseguiu com o torneio dos estreantes, muito mais agradável e animado:

A QUINZENA DESPORTIVA

concorrência abundante, organização regular e resultados apreciáveis.

Não devemos esquecer que os rapazes inscritos nesta prova tomam pela primeira vez parte em competições oficiais e rondam, na quasi totalidade, dos dezasseite aos dezanove anos. E' no seio desta mo-

discípulo do campeão José Garnel, e cujo estilo denota uma pormenorização que nos permite tôdas as esperanças.

Não é ousadia afirmar que temos nêlo um futuro recordman do lançamento do peso, se alguns anos de trabalho metucioso não forem de molde a arrefecer o seu entusiasmo pelo atletismo; e também

nos sentimos tentados a afirmar que, apesar de principiante, é já o mais perfeito estilista português da especialidade.

Carlos Antero é outro novo a citar; venceu quatro provas e deu mostras de possuir uma inergia indomável e inesgotável que lhe poderá permitir êxitos futuros, apesar de prejudicado pela pequena estatura.

O Sporting marcou uma superioridade significativa, triunfando em nove provas das doze inscritas no programa.

Efectuaram-se em Espanha, durante a quinzena e em dias consecutivos, dois campeonatos do mundo de box, em ambos sendo um espanhol o pretendente ao título.

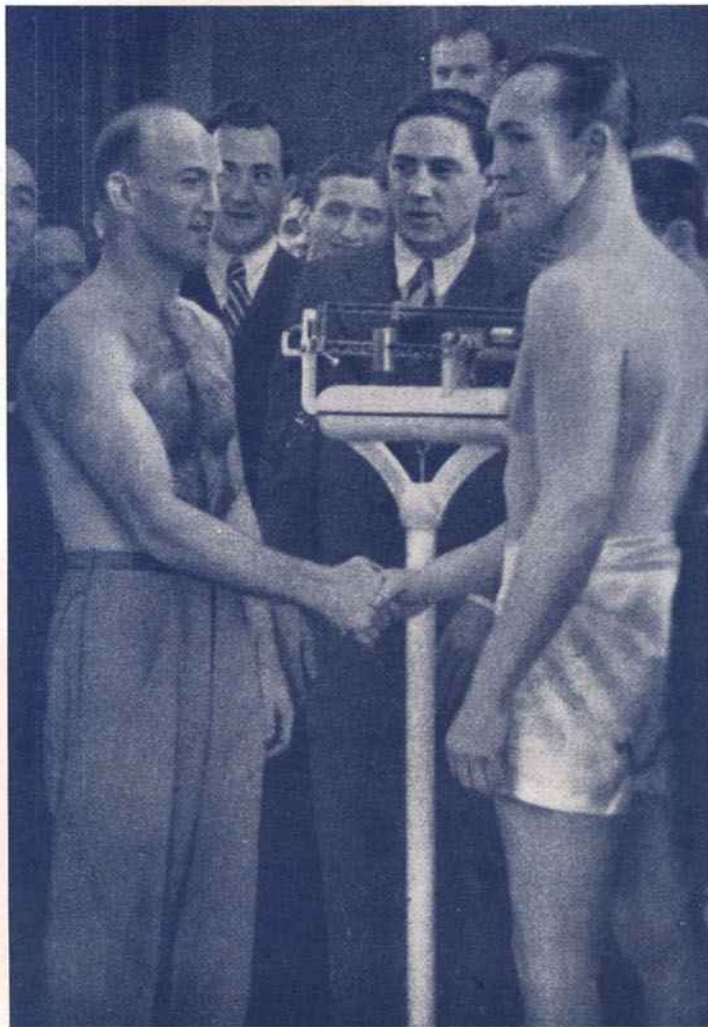
Se em Valência o meio-leve Saugchili conseguiu realizar as suas aspirações, arrancando a corôa ao negro Al. Brown, o médio Inácio Ara foi em Madrid menos feliz e, pela terceira vez em quatro anos, sofreu os efeitos da superioridade atlética do francês Marcel Thil.

O encontro suscitou um interesse formidável na cidade de Manzanares e mais de 22.000 pessoas presenciaram a vitória do atleta sôbre o estilista. Durante os primeiros cinco assaltos, a multidão alimentou a esperança de ver realizados os seus votos, antevendo que o seu compatriota, artista do sôco, iria enfim apossar-se do título há bastos anos em poder do batalhador gaulês; aproveitando a sua velocidade e mais inteligente espírito de iniciativa, a sua agilidade e ciência do pugilismo, Ara dominou com acentuada vantagem de pon-

tos um adversário que parecia perdido em longínquas meditações.

A ilusão, porém, durou pouco. No sexto assalto um sôco da esquerda do possante Thil alcançou o maxilar do espanhol e quebrou-lhe a energia ofensiva. Num momento Ara apareceu sob o seu verdadeiro aspecto de esgrimista hábil, mas incapaz de suportar duros choques.

A partir dêste ponto crítico até final do combate, Thil aumentou progressivamente a sua vantagem e o papel do



Marcel Thil e Inácio Ara cumprimentam-se durante a pesagem oficial

cidade que encontraremos os campeões de amanhã e é necessário analisar os seus feitos mais pelo que prometem do que pelo que valem.

Dum modo geral a impressão é agradável; estilo já definido nos melhores elementos, entusiasmo e disciplina, melhor preparação que nas gerações precedentes. Não há que descêr.

Destacar valôres é sempre tarefa ingrata, mas é impossível omitir referência a Emídio Ruivo, um lançador do melhor estôfo,

adversário resumiu-se a uma corajosa demonstração de energia que lhe permitiu chegar ao final sem sofrer, perante os seus compatriotas, a vexatória queda por terra.

É curioso registar, como pormenor do ambiente em que o embate se preparou, que Inácio Ara declarara nas vésperas da luta aos jornalistas que o entrevistaram, considerar-se antecipadamente campeão do mundo tão certo estava da sua superioridade sobre o francês e confiante no resultado da luta.

Maior deve ter sido, no final, a amargura da desilusão.

No programa das festas da Cidade foi incluído um festival desportivo que se realizou no domingo último no Estádio do Lumiar. Foi um espectáculo cheio de cor, de vibração e de entusiasmo que o público acompanhou com agrado, apreciando a variedade das exhibições e a excelência da educação.

Pedestrianismo, ciclismo, motociclismo, automobilismo, exercícios artísticos de ginástica em barras e paralelas, saltos acrobáticos em plinto e mesa alemã, ginástica infantil e jogo de pau, tudo se exibiu naquela tarde, numa demonstração brilhante e completa de agilidade, força, destreza e disciplina.

A luta entre o Sporting e o Benfica nas estafetas, aqueceu os ânimos da assistência e pelas ruas da cidade alcançou um indiscutível êxito de interesse, reunindo em cada local de passagem uma multidão curiosa e vibrante de entusiasmo.

Mas o número do programa que o público mais carinhosamente recebeu, aplaudindo sem reservas, foi, sem dúvida, a exhibição de ginástica infantil na qual tomaram parte alunos dos estabelecimentos da Assistência, escolas e cursos de "Os Sports".

Cêrca de quatro mil crianças, rapazes e raparigas, executaram com admirável correcção uma série de exercícios completos, dando-nos uma interessante visão



Cumprimentos entre equipas portuguesa e alemã antes de começar o jogo de Hand-ball

de graça e de harmonia; o vasto campo do Estádio, cheio de pequenos ginastas, oferecia um aspecto imponente, propício a reflexões favoráveis a uma campanha cada vez mais urgente.

Em nossa mente comparavamos aquêlas criancitas — garbosas, apumadas, fisicamente alegres, deixando transparecer a satisfação de viver — a tantos outros da mesma condição social, abandonados no seu meio, sem hygiene nem cuidados de assistência, no espectáculo confrangedor duma miséria física, tristes, depauperadas, esmagadas ao fardo duma vida demasiado pesada para os seus organismos fracos e desamparados.

E' aquêla a boa escola da raça, o bom exemplo a apontar, a melhor demonstração da verdade. Não nos venham impôr fantasias de paranoicos em métodos que ninguém compreende e que expostos num meio culto, fariam desabar sobre nós o escárnio de todo o universo.

Crianças querem-se trabalhadas na lei suprema da natureza; são organismos em que a vida tumultua necessitando orientação, nos quais as energias despontam carecendo de cultura.

A lição comandada pelo professor Júlio Santos conquistou aplausos espontâneos a cada exercício; movimentados, disciplinadamente cadenciados os exercícios sucediam-se na mais perfeita harmonia, como se uma vontade única guiasse aqueles milhares de executantes.

O efeito resultante era surpreendente e oxalá os espectáculos deste género se possam repetir com frequência, pois talvez assim se consiga esclarecer os espíritos rebeldes e acabar de vez com certos preconceitos lamentáveis.



No dia 28 de Maio realizou-se no campo Lumiar-A o primeiro encontro internacional de "Hand-ball," disputado por portugueses, jogando o grupo desportivo "Os Treze," e o team A do cruzador "Emdem". Saíu este vencedor por 9 a 5 bolas o que demonstrou a superioridade dos alemães no seu jogo nacional, sem isto representar uma derrota humilhante para o grupo português.

Embora pouco adestrados num jogo que não lhes é habitual, os nossos portaram-se bem com valentia, galhardia e lealdade. A alma portuguesa manifestou-se sempre em toda a sua pujança inconfundível. Sempre assim foi e ha de ser. Após o encontro internacional de "Hand-ball," no campo do Lumiar os alemães, embora victoriosos, exaltaram a grandeza de ânimo dos nossos compatriotas, convencidos de que a vitória alcançada não foi das mais fáceis.

Só por si, isto constituirá um triunfo.

Os dois teams alemão e português no campo dos Treze

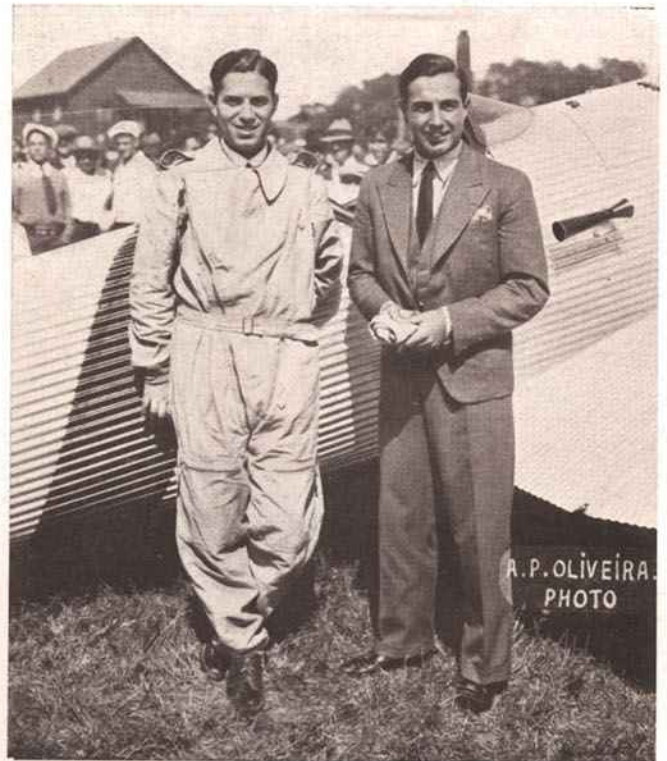
Factos notáveis

O "Graf Zeppelin" sôbre Lisboa



Ao cabo de sete anos de arrojadas travessias transoceânicas, o «Graf Zeppelin» dignou-se honrar as Festas da Cidade com a sua passagem sôbre Lisboa. Compreende-se o entusiasmo da população alfacinha ao admirar a 50 metros de altura, essa verdadeira maravilha da indústria aeronáutica que causou assombro no mundo inteiro.

O trágico fim duma radiosa mocidade



QUANDO a vida começava a sorrir-lhe — 26 anos apenas! — o mecânico António Gonçalves Lobato foi vítima dum desastre de viação, perto da cidade de Viseu, durante as provas do II Rallye Aéreo de Portugal. Companheiro inseparável do tenente Humberto da Cruz e com êle participante na inolvidável viagem de Lisboa a Macau e regresso a bordo do avião Dilly, acompanhou também o malgrado piloto Plácido de Abreu. A nossa gravura representa-o com êste último em Cleveland.

Exposições filatélica e antoniana

As exposições filatélica e antoniana instaladas no Palácio do Município constituiram dois dos mais curiosos números do programa das Festas. A nossa gravura representa o chefe do Estado, membros do governo e da Comissão das Festas da Cidade, no átrio da Câmara Municipal, após a inauguração solene daquelas interessantes exposições que tanto honram os seus organizadores e quem lhes deu patrocínio.





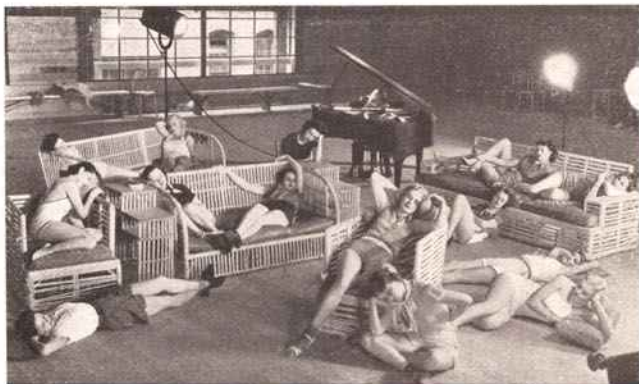
As "girls" são hoje um elemento indispensável no cinema.

Quando a introdução do som nos filmes abriu à arte das imagens animadas as portas do *music-hall*, as fileiras de *girls* bem alinhadas e uniformes encontraram logo o seu lugar no rectângulo da tela. E de tal modo ali se consagraram que raro é já ver-se hoje um filme em que não se vislumbre, ao menos, um friso de raparigas genis executando movimentos a compasso, com essa desesperadora regularidade mecânica que é, afinal, a glória das *girls*.

Mas já muito antes alguns percursores do cinema tinham tido a intuição do papel que competia às *girls*. Mack Sennett com as suas famosas banhistas, não fez outra cousa senão traçar um esboço que outros depois completaram introduzindo-lhe um pormenor de que ele não se deu conta — ritmo.

Quem inventou os corpos de "girls"? Eis uma pergunta para que não temos resposta e que, a nosso ver, deve constituir um dos muitos problemas obscuros da história do teatro.

Note-se que, quando empregamos o



«Girls» descansando após uma exibição

O encanto das "girls" no Cinema

A sua acção

Cantor por exemplo, em que frisos admiráveis de *girls* evoluem numa sucessão



vocabulo inglês *girls* temos em vista a figuração hoje assim designada, que na América do Norte atingiu a sua forma mais representativa.

A prioridade do teatro parece-nos ser neste caso um ponto demonstrado. Para glória do cinema basta verificar-se o facto de o seu extraordinário poder de aglutinação ter arrancado as *girls* ao palco para as revelar no *écran* sob novos e imprevistos aspectos.

Porque a verdade é que quem vê pela primeira vez um filme, como os de Eddie

estonteante de imagens, é forçado a reconhecer que até esse dia ainda não vira realmente... *girls*.

Como todos os fenómenos específicos do nosso tempo, as *girls* podem constituir ampla matéria para divagações sobre a mentalidade contemporânea.

Representam elas, no fundo, uma regressão?

Há quem o julgue. O espectáculo perde, dia a dia, o seu carácter intelectual para se tornar, simplesmente, prazer dos olhos. As *girls* são um dos aspectos dessa transformação. O espectáculo que nos proporcionam, à semelhança de quasi todo o *music-hall* e de alguns desenhos animados, é puramente visual. Consequência da febril agitação da vida moderna que leva o homem a reagir contra um excessivo desenvolvimento da faculdade de pensar? É possível.

Por outro lado, o espectáculo de *girls* dirige-se a instintos primitivos e fundamenta-se na mais primitiva das harmonias — o ritmo.

Se pretendessemos estabelecer a linha genealógica desta forma de espectáculo iríamos por certo entroncá-la, não sabemos por que invios caminhos, no batuque africano.

Decompostas nos seus elementos fundamentais as *girls* são apenas *sex-appeal* e ritmo. E se um é instinto primordial

Dois lindos frisos de "girls"



Um ensaio tra-baloso

Outra contradição, que resulta dum raciocínio que atrás expusemos: Os espíritos inquietos do nosso tempo comprazem-se neste género do espectáculo com que a forma e a cor tem o exclusivo sobre todos os outros elementos. Os povos ultra-civilizados consa-

Mas, apesar disso, não deixou de ser produto específico de um povo, que os outros só por espírito de imitação conseguem assimilar.

A *girl* é um fenómeno norte-americano. Só ali ela se encontra na sua plena pujança, estandardizada e mecanizada quanto é possível.

Nos outros países aclimatou-se melhor ou pior, mas acusando sempre sensíveis diferenças.

E depois, as *girls* são o coeficiente físico duma raça. Só onde a mocidade é forte, jovial, sãdia, se pode reunir um grupo de *girls* harmónico, em que cada peça é uma estátua viva, movendo-se em unísono com as restantes.

Por isso, a palavra *girl* não tem tradução. Uma *girl* portuguesa, francesa ou espanhola, há-de ser sempre, forçosamente, uma contrafacção.

Está nisso mesmo uma das grandes superioridades do cinema norte-americano. O realizador, que prepara em Hollywood um filme, tem no próprio momento em que o deseja mil *girls* jovens, formosas, desembaraçadas e elegantes. A única dificuldade consiste para ele na escolha. De entre as mil deve escolher as cem mais formosas e fazer com elas uma decoração deslumbrante.

Mas não sucede o mesmo ao seu colega europeu. Em Paris, o realizador não dispõe de tão abundante matéria prima. Terá á sua disposição cem, de que só poderá seleccionar dez. E se levar um pouco mais longe as suas exigências estéticas, essas dez ficar-lhe-ão reduzidas a três.

O que não obsta a que se encontrem hoje *girls* em Pequim como em Chicago, em Bangkok como em Londres.

Tudo quanto se refere às *girls* é cheio de curiosas contradições.

Já vimos que elas representam uma revivescência do que há do mais primitivo. E contudo, são o supremo requinte do espectáculo moderno o que melhor simboliza os aspectos mais intensos da nossa civilização.

A expressão máxima da sua beleza consiste na uniformidade. E, contudo, a uniformidade é a negação da própria beleza humana. Só na diversidade e na comparação o nosso sentimento estético se satisfaz.

Quantas vezes, ao ver perpassar um friso de *girls* as



Jack Oakie com as suas girls

sondamos uma a uma como olhar, ansiosos por descortinar um pouco da sua personalidade, por estabelecer entre elas relações e diferenças. E apesar disso, entendemos que é na ausência do contraste que reside a beleza do conjunto.

gram os números de *girls*, enquanto as plateias da velha China admiram obras dum confuso espírito filosófico.

A *girl* é hoje um produto universal que encontra sob todas as latitudes.

Festas de caridade

NO NACIONAL

Constituíram sem dúvida alguma, não só um acontecimento mundano, como artístico, as três récitas de caridade realizadas no teatro Nacional Almeida Garrett, na noite de 30 de Maio último, 1 e 6 de corrente, cujo produto se destinava a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo António, levadas a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, em que o desempenho do programa estava a cargo de um brilhante grupo de amadores pertencentes à nossa melhor sociedade, em que figuravam alguns da velha guarda, que há já bastantes anos, se não apresentavam em público, conjuntamente com alguns novos de grande valor artístico.

Iniciou-se o espectáculo pela peça de François Coppée «O Violino de Cremona» traduzida em português, em que tomaram parte a sr.^a D. Maria Fuschini de Lima Mayer, e os srs. Jorge Mendôça de Melo (Sabugosa), José Belo e Augusto Fuschini de Lima Mayer, que deram extraordinário realce aos lindos versos, interpretando brilhantemente os vários personagens, sobre tudo José Belo, que tinha a seu cargo o principal personagem da peça. Também concorreu bastante para o êxito desta linda peça a bela encenação da illustre artista D. Palmira Bastos.

Seguiu-se o interessante bailado infantil, baseado no conto infantil «A Princesa adormecida» música de Júlio Almada, que foi cantado antes de dar começo ao bailado por D. Maria Tereza de Melo Ulrich, com um grande à vontade. Nesse bailado, os seus intérpretes as meninas Maria Luiza de Melo e Castro, «Rainha»; Henrique de Guimarães Seródio (Sabrosa), «Rei»; Manuela Cascão Anciães, «Princesa»; Mariana Rey Colaço Robles Monteiro, «Príncipe»; Maria Amélia de Melo e Estér Buzago, «Damas de honor»; Véra de Carvalho e Isabel Maia, «Fidalgos»; Maria Inês Horgan, «Bóbo»; Hermann Krippall, Duarte de Carvalho, António Maia, Henrique Bastos, D. Luis Maury da Costa (Mesquitela), e David Horgan, foram simplesmente impecáveis de graça, marcando muito bem todos os passos, sobre tudo as meninas Manuela Cascão de Anciães, e Mariana Rey Colaço Robles Monteiro, que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar os seus méritos, também salientamos o mais pequeno dos cosinheiros, o menino D. Luis Maury da Costa (Mesquitela), pela graça e pelo avante que estava em cena.

Ainda nesta parte a sr.^a D. Laura de Abreu Reis Ferreira, cantou com arte dois números, um em espanhol e outro em francês, interpretando magistralmente essas duas composições, como se fôsse uma verdadeira artista.

Representou-se depois uma pequena «bluette» intitulada «Agência Saramago, Limitada», que Chagas Roquete e Acácio de Paiva, escreveram de propósito para estas lindas festas.

«Agência Saramago, Limitada», é uma revistinha em um acto com dois quadros que deu ensejo a que um brilhante grupo de amadores em que a maioria eram dos da velha guarda, tivessem ocasião de pôr em destaque as suas qualidades de artistas consumados, como D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, nas duas rúbulas completamente diferentes «Dama dos Sonetos» e «Dóce», a primeira declamada e segunda cantada, em terceto com os manos Augusto e Filipe Fuschini de Lima Mayer, D. Maria Adelaide da Gama Sepúlveda, nos números «Sopa» e «Faz Tudo», ambos cheios de verve, a que a notavel artista, pois assim se pode chamar, deu extraordinário realce, sobre tudo no último, uma tirada patriótica, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e D. Maria Luiza de Melo Ulrich, em dois pequenos papeis, deram mostras de que sabiam o que faziam, Luis da Gama, como sempre foi um notavel actor cómico, emprestando aos dois personagens que lhe distribuíram, a sua graça bem popular, D. Nuno de Almada e Lencastre (Soto d'El-Rei), num pequeno papel, sobre ser artista, pena foi que não tivesse mais nada, pois ainda nos recorda tempo de outr'ora, e D. António de Bragança (Lafões), no «compère» da revistinha, saú-se muito bem, embora o papel não lhe desse ensejo a dar largas á sua queda para o teatro, isto quanto aos da velha guarda, agora quanto aos novos, temos D. Laura Reis Ferreira, que se saú muito bem em dois papeis que lhe distri-

VIDA
ELEGANTE

buíram, sobre tudo o da cantadeira, que com Pedro de Brito e Cunha, deliciou a selecta assistência num lindo «Vir.», acompanhados por coro, D. Maria do Carmo Moraes Palmeiro (Regaleira) e D. Maria Luiza Bustorff, ambas num grande à vontade, Mimon Anahory (filho), que pela primeira vez vimos, deu mostras de ter uma grande queda para esse género, sobre tudo nas belas imitações do notavel actor brasileiro que se encontra actualmente em Portugal, Procopio Ferreira, e na da declamadora argentina Berta Singerman, D. José de Almeida (Lavrado), Pedro de Brito e Cunha, Augusto, Filipe de Lima Mayer e o miudinho Luis Pedro Bustorff Silva, no «Groom».

Depois de outro intervalo, exhibiu-se uma dança americana, com côro, por um notavel grupo de senhoras e rapazes, sendo o solo cantado entre bastidores por Armando da Câmara Rodrigues, que mais uma vez poz em destaque a sua bela voz. A seguir D. Laura de Abreu Reis Ferreira deliciou a selecta assistência, cantando muito bem a célebre canção espanhola «La Violetera» imprimindo graciosidade e sentimento, terminando o espectáculo pelo encantador número valsa da «Viuva Alegre» por dez pares, número que deixou na selecta assistência que enchia por completo a linda sala do Nacional, uma inapagavel recordação, não só pela forma como foi dançada, mas sobre tudo pela sua maravilhosa marcação, trabalho da distinta bailarina Ruth Aswin.

Todos os intérpretes, bem como os ensaiadores D. Palmira Bastos, D. Ruth Aswin, António Pinheiro e Armando da Câmara Rodrigues, compartilharam dos vibrantes aplausos.

Festas como estas ultimamente realizadas no Teatro Nacional Almeida Garrett, honram sobremaneira a comissão organizadora, a qual lembramos, que com tais elementos, podem de futuro levar a efeito récitas em que esses elementos de que dispõem sejam mais aproveitados, representando uma peça feita de propósito para essas festas, com mais números de música, e os bailados intercalados na própria peça, tanto os infantis, como dos outros, á semelhança das revistas «ferries» que ultimamente se representam nos nossos teatros, com espirito e alusões a pessoas conhecidas no meio elegante que esses distintos amadores frequentam, estamos certos que o êxito então seria ainda maior e em vez de três espectáculos dariam mais alguns, tendo não só os pobres a ganhar, como o próprio público, teriam assim um espectáculo de arte e de côr.

Casamentos

Realizou-se na paroquial igreja do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Manuela Casqueiro da Silva Santos, gentil filha da sr.^a D. Izabel Barbosa Casqueiro da Silva Santos e o sr. Dr. Godofredo da Silva Santos, illustre lente catedrático da Escola Superior de Medicina Veterinária, com o distinto clínico sr. Dr. Manuel Gambôa da Costa, filho da sr.^a D. Eugénia Gambôa da Costa e do importante proprietário em Traz-os-Montes, sr. José Costa.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Júlia Pinto de Gouveia, e D. Julia Casqueiro Santos Monteiro, e padrinhos os srs. Dr. Alberto Pinto de Gouveia, e Augusto Gonçalves Monteiro.

Presidiu ao acto o reverendo Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para Traz-os-Montes, onde foram passar a lua de mel.

— Na capela das Flamengas, ao Calvário, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Rita de Sousa Carvalho (Ervideira), interessante filha da sr.^a D. Maria Amélia de Sousa Carvalho e do sr. Dr. Artur de Sousa Carvalho (Ervideira), com o sr. Dr. Alfredo Maria Praça Cunha, filho da sr.^a D. Maria Eduarda Praça Cunha, e do sr. Dr. Al-

fredo Cunha, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Presidiu ao acto o reverendo prior de Alcântara, Monsenhor Pinheiro Marques, que fez uma brilhante alocução, seguindo-se a missa resada pelo reverendo Cêrca de Montemor-o-Novo, amigo íntimo da família do noivo.

Terminada a cerimónia foi servida na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», partindo os noivos depois para a casa de Campo da Amoreira da Torre, em Montemor-o-Novo, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Em Alcêcor do Sal, realizou-se na igreja da Misericórdia, o casamento da sr.^a D. Ema da Natividade Moura, gentil filha da sr.^a D. Natividade Figueira Moura e do sr. António Inácio Moura, com o sr. João de Lara Alegre, filho da sr.^a D. Maria da Piedade Ollero de Sousa Alegre e do sr. Dr. Joaquim José Alegre.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria Tereza Sá Branco e de padrinhos os pais dos noivos.

Presidiu ao acto o reverendo António Fialho Prego Calabote, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques» recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Augusta Mendes dos Santos, interessante filha da sr.^a D. Maria da Anunciação Mendes e do sr. Manuel Mendes, com o sr. Adelino de Matos Silva, filho da sr.^a D. Conceição Diniz de Matos Silva e do sr. António de Matos Silva.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Deolinda Mendes dos Santos e D. Maria Júlia de Castelo Branco e padrinhos os srs. Firmino de Vilhena, e António Luiz Ferrão de Castelo Branco.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», na elegante residência dos pais na noiva, recebendo os noivos grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paroquial da Ajuda, o casamento da sr.^a D. Maria Noémia de Jesus Borges Brito, gentil filha da sr.^a D. Maria Joana da Purificação Borges e do sr. Brito José Plácido, com o sr. Rodrigo Ferreira Neves, filho da sr.^a D. Júlia da Conceição Ramalheira Neves e do sr. José Ferreira Neves, já falecidos.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Brenda Brito de Almeida Neves e D. Maria da Conceição Sousa Neves, e de padrinhos os srs. José de Almeida e Ernesto Gonçalves das Neves.

Presidiu ao acto o reverendo Fino Beja, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «A Garrett», seguindo os noivos depois para o Norte onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na Basílica da Estrêla, realizou-se o casamento da sr.^a D. Alda Amélia Figueira da Costa, interessante filha do sr. Bernardo Costa, com o sr. Eduardo de Oliveira Bórnes, filho da sr.^a D. Ana Joaquina de Oliveira Bórnes e do sr. Manuel António Bórnes.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Adelaide Martins, e D. Miquelina da Costa Pais, e padrinhos os srs. António Martins e Eduardo de Oliveira Martins.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na Vila do Alandal, no Alentejo, realizou-se na igreja de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.^a D. Maria Joaquina Vilades Amorim, gentil filha da sr.^a D. Maria Vicência da Silva Carvalho e do sr. Dr. Alfredo de Melo Silva Amorim, já falecido, com o sr. Joaquim Neves Martins, filho da sr.^a D. Maria Gertrudes Neves Martins, já falecida, e do sr. António José Martins.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.^a D. Umbelina Neves Martins Portas, e de padrinhos o tio da noiva sr. dr. Augusto Campos Melo e o pai do noivo.

D. Nuno.

CASAMENTO DE PRINCIPES



Princesa Ingrid
da Suécia

No histórico castelo de Storkyrhamy em Estocolmo, realizou-se no dia 24 do mês passado, o casamento da princesa Ingrid da Suécia com o príncipe Frederico, herdeiro do trono da Dinamarca.

A cerimônia revestiu grande pompa e a ela as-

A princesa Ingrid agradece as aclamações da multidão

convivem intimamente com o povo de todas as classes que os estima e admira.

A princesa Ingrid tem-se imposto ainda à veneração dos seus compatriotas pelas obras de benemerência em que se tem empenhado. Dirige há já muito tempo um asilo de crianças surdas-mudas. É presidente duma associação para distribuição de vestuário aos pobres, que sua

O cortejo à chegada a Estocolmo

sistiram o príncipe Arthur de Connaught e a princesa Helena Vitória, o ex-kronprinz, a princesa Vitória, o grão-duque Frederico Franz e a grã-duquesa Alexandre de Mecklemburgo, os reis da Dinamarca e da Suécia e muitas outras altas personalidades aristocráticas. Encontravam-se presentes, ao todo, quarenta membros de diversas famílias reais da Europa.

Este casamento, que une as famílias de dois povos escandinavos, corresponde à realização dum antigo desejo do rei Gustavo V, da Suécia. O soberano via, de facto, nesse enlace um meio de fazer a felicidade da sua neta, a quem dedica a mais carinhosa afeição, e também a maneira de estreitar os laços de amizade entre a sua nação e a Dinamarca.

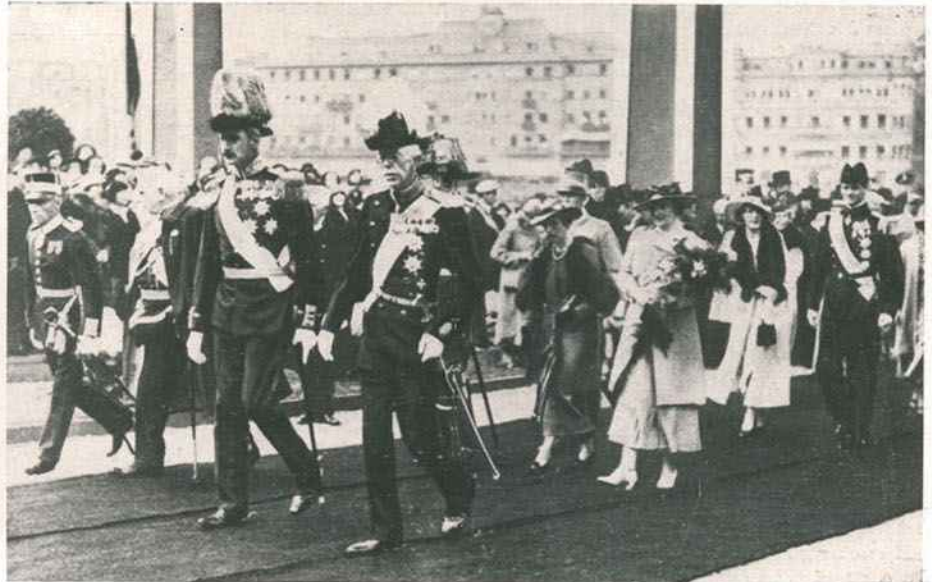
Tanto a princesa Ingrid como o príncipe Frederico gozam nos seus países da mais justificada popularidade. Educados em princípios da mais rigorosa simplicidade, como é de tradição nas democráticas monarquias escandinavas,

mã, a princesa Margarida de Connaught, já falecida, fundou e dirigiu durante muito tempo. Estudou enfermagem e dedica um dia por semana aos doentes dos hospitais de Estocolmo. Todas as festas de beneficência mostram nela uma dedicada animadora.

Quanto ao príncipe Frederico, o povo dinamarquês conta diversas histórias que provam a sua lhanza e simplicidade. Diz-se, por exemplo, que há tempo, sabendo que um dos oficiais da guarda se ia mudar, ajudou-o êle próprio nas necessárias operações, chegando a transportar no seu automóvel armoriado grande quantidade de volumes.

Estocolmo vestiu as suas melhores galas para comemorar o casamento de dois príncipes tão queridos e populares.

Príncipe Frederico da Dinamarca





FELIZMENTE que no nosso país vai acabando o analfabetismo, que era uma vergonha nacional. Por toda a provincia estão abrindo escolas e, foi com prazer que constatei ainda á pouco, numa quinta, numa aldeia minhota, que apenas as crianças de menos de seis anos não sabiam ler.

É uma satisfação ver como as coisas têm mudado e como a civilização avança entre nós, mas o saber ler é uma arma para se adquirir instrução e é preciso ver como é empregada.

Nada mais nocivo para um país do que sair cada um do seu lugar.

É muito útil que o caçador de enxada saiba ler, mas para continuar o seu modo de vida tão útil, apenas deve aproveitar o que sabe, para se instruir e saber o que deve fazer.

Mas infelizmente nem sempre é assim, o rapazinho do campo logo que sabe ler, tem a aspiração de vir para a cidade, ser marçano, aumentar a coorte dos infelizes e privar o país do trabalho útil dos seus braços, que feito no campo, com a noção do que deve ser, tão útil poderia ser.

Mas não é, só no campo que isto se nota, é em toda a parte e em todas as classes sociais. Aproveitar o saber ler, para ler bem, é a grande habilidade, e o que é útil para a colectividade.

A mulher que sabe ler deve aproveitar para ler o que é verdadeiramente útil para a sua

vida. Há meninas que perdem dias, meses a ler romances policiais, ou romances de amor, sem utilidade para elas, e até com o perigo de desviar-se o seu espirito do que deve ser e de tomar da vida, uma noção muito errada.

É natural que de vez em quando se leia um livro para recreio, mas esse livro deve ser bem escolhido e ser um companheiro bom das horas que com ele se passam e não um incentivo para praticar tolices na vida.

A mulher pode e deve ler, mas deve procurar nos livros ensinamentos para a sua missão neste mundo, missão tão alta, que para ela toda a preparação é pouca.

Deve ler livros que lhe ensinam a viver a sua vida, a ser uma boa dona de casa e sobretudo livros de puericultura, que lhe ensinam a tratar dos seus filhos quando for mãe.

Para cultivar o seu espirito, não somente com o prático, mas também com o bello, ler livros sobre viagens, livros que devem fixar qualquer coisa de superior na sua alma.

É deves em quando ler algum romance, procure que seja muito bem escrito e não imagine, logo ás primeiras linhas, que tem a psicologia da heroína e não veja em todo o homem, que se lhe aproxime o herói.

É natural que tenha afinidades de alma com a heróica, um bom escritor, procura dar ás suas heroínas um carácter, que se aproxime o mais possível da verosimilhança, mas não imaginar logo, por esse motivo, que na sua vida se vão dar lances românticos.

A leitura deve contribuir para dar á mulher, uma maior força moral e não para a enfraquecer e muitas vezes despedaçar, com uma falsa noção da vida, que a faz trocar numa felicidade simples mas real, por um arremedo de romance que torna a vida desgraçada e arruína por completo.

Saber ler é uma grande arte, há pessoas que podem ler tudo, que nada influi no seu modo de ver, são personalidades tão fortes, que o que lhe vem de fora, desliza como copo de água sobre oleado. Mas são raras essas pessoas, sobretudo entre as senhoras, espiritos mais maldosos e mais fáceis de se deixar impressionar pelas coisas exteriores.

É portanto necessário uma cuidadosa escolha nos livros, que devem fazer a leitura, esse passatempo agradável e tão útil que deve ser.

Um bom livro é a melhor companhia que se pode ter e que pode deixar na nossa alma profundas emoções e despertar no nosso cérebro ideias da maior utilidade.

Um mau livro é um veneno com que se intoxica a alma e o espirito. É pois necessário aproveitar essa arma que é o saber ler, para nos apetrecharmos o mais possível, para o duro combate que é a vida mais difficil do que nunca.

Maria de Eça.

A Moda

ESTAMOS quasi no verão e de aqui a pouco começa a pensar-se nas vilegiaturas. Dentro em breve as cidades são abandonadas e as termas e praças, veem afluir as elegantes, que lhes vêm trazer a animação e alegria e ser o seu verdadeiro ornamento.



PÁGINAS FEMININAS

É tempo pois de começar a pensar a sério no guarda-roupa do cenário do verão, e sem chegar ao exagéro de estrear três «toilettes» por dia, como dizem que algumas senhoras fazem, o que é talvez um pouco novo rico e não do melhor gosto. Uma mulher elegante tem de levar «toilettes» para todas as horas e vestir-se segundo a ocasião péde.

Para a viagem temos um lindíssimo «tailleur» em «Isapsaalk tweed» a fazenda da moda, para este género de vestidos, um «beige» carregado é muito práctico. A gola e as bandas não são forradas e têm uma larga bainha que lhe dá muita originalidade, assim como as grandes algeibeiras guarnecidas também por bainha. Os botões são em castanho escuro. A saia tem uma funda pregta na frente uma «juniper» em lâ fininha guarnecida a lâ «angara» é a blusa sem mangas que o acompanha.

As peças de um lenço moderno em castanho e beige atado num gracioso nó. Completa esta linda «toilette» um feltro «beige» do mais moderno feitio e muito gracioso.

Para de manhã, nas águas, uma bonita e frésca «toilette» que alia á maior simplicidade a máxima elegância e basta dizer que é um modelo de Chanel, para não ser necessário acrescentar mais elogios.

Este gracioso conjunto compõe-se dum vestido em «crêpe de chine» preto com «pois» brancos o vestido muito gentil tem algeibeiras, por cima veste-se a «jaquette» em «piquet» de seda branca, abotoada com botões pretos, tem também algeibeiras no peito. Uma «echarpe» na mesma seda do vestido e um gracioso chapelinho do «piquet» branco complementa esta «toilette» que tanto pôde ser usada por uma rapariga nova como por uma senhora.

As senhoras que não gostem de branco e preto ainda que seja sempre muito distinto e aconselhado, podem fazê-lo em azul escuro ou mesmo em qualquer outra côr.

Para a tarde há grandes novidades em chapéus. Damos um modelo elegantíssimo que vai ter um grande sucesso. É o grande «bretom» em palha de «osiers».

É um chapéu elegantíssimo e que dá grande tom á «toilette».

Em preto e branco tem em volta da copa uma fita «cirde» nos dois tons.

Se as «toilettes» simples têm o seu lugar marcado, de dia, nas vilegiaturas, á noite há o direito de deslumbrar os olhos dos admiradores de luxo e elegância.

Aqui temos para esse efeito um lindíssimo vestido em «lamé» rosa e ouro. O tecido é que lhe dá toda a riqueza, porque não tem a mais pequena guarnição. No côrte, na graça das pregas do decote, bastante mais desido nas costas, na pequena cauda, está o segredo da sua elegância, feita para fazer sobressair a graça dum esbelto côrpo de mulher, jóvem e bem proporcionada. É um vestido que causa sensação.

Higiene e beleza

MUITAS senhoras se queixam de ter a pele estragada e atribuem esses males ao uso da «maquillage». É natural que abusando, a pele se ressentia, mas muitas vezes o mal, não é o que causa, o que usam na cara, mas o não saber tirá-lo á noite.

É preciso á noite limpar completamente a pele e deixá-la respirar livremente. Quando se usasse pinturas gordas (em crêmes) é preciso limpar a cara com vaselina, ou melhor ainda com óleo de amêndoas doces e lavar a cara em seguida, com água morna e um bom sabonete.

Empregando pinturas essas (comprimidas em pó) basta lavar a cara com água morna e fazer uma loção com algodão embebido na seguinte mistura: açúcar candi 50 gr., alcool conforado 25 gr., leite, meio litro. Faz desaparecer toda a irritação produzida pela pintura.

Para ter uma linda pele nada há como esfregar a cara com morangos frescos.

A palha como combustível

UMA das coisas que mais se desperdiçava nos Estados Unidos e no Canadá era a palha. Era destruída pelo fogo depois das ceifas, montanhas de palha desapareciam assim, sem utilidade prática para ninguém.

É era um uso seguido pouco mais ou menos por todos. Não compreendiam que há mil maneiras de utilizar a palha que na Europa é tão apreciada e tão bem aproveitada.

Finalmente um professor de Kansas aperfeiçoou uma máquina para comprimir a palha em quadros da fórma de tijolos, e esses comprimidos podem ser usados como combustível, substituindo o carvão.

Esse invento que á primeira vista parece insignificante, teve uma grande repercussão na vida económica daquele país. Para os agricultores é uma nova fonte de receita, e, para as donas de casa, um grande economia, porque, este combustível que é esplêndido, é incomparavelmente mais barato do que o carvão.

Receitas de cozinha

Dobrada á bordalesa: A dobrada deve ser muito bem lavada e esfregada com sal e limão. 1.º Em dois litros de água 1/2 de água quente, mergulha-se quilo e meio de dobrada de vitela, deixa-se cozer lentamente durante duas horas e meia. Para servir escorre-se a dobrada, conforme a

quantidade para o serviço (o resto conserva-se para cozer a dobrada depois do arrefecimento), parte-se em bocados coloca-se num prato côncavo e deita-se-lhe uma concha de água quente. 2.º O molho picante prepara-se em primeiro lugar e é servido á parte, fazem-se cinco decilitros de molho branco chamado «velouté», deita-se numa caçarola meio copo de vinho branco, outro tanto de vinagre com estragão e duas colheres de cebolinhas picadas miudamente; faz-se reduzir este líquido a 4 colheres pouco



mais ou menos; junta-se-lhe o molho e deixa-se ferver devagarinho durante 7 a 8 minutos. Acaha-se de preparar o molho fóra do lume, com 60 gr. de manteiga, uma colher de cebolinha e estragão picadas. Desde então o molho não deve tornar a ferver. Se não quiserem encontrar cebôla no molho passa-se num coador antes de deitar a manteiga e em vez de cebôla deita-se salsa.

A mulher e as profissões

TODAS as profissões estão hoje abertas para a mulher, sobretudo nos países em que o feminismo está muito adiantado. Em Boston, nos Estados Unidos ha uma senhora, que é comissária de policia do porto dessa cidade, e chefe dos escriptorios de emigração.

Se considerarmos a vida dessa mulher vemos que foi acertada essa escolha, embora não concordemos, que o trabalho da mulher seja igual ao do homem.

Filha dum fazendeiro do Estado de Nova York, Mrs. Zillinghast, tinha como auditores dos seus discursos de creança os rebanhos do pai e chorona ao som a ideia de que nunca chegaria a ser útil na vida.

Casada com um padre protestante, ela foi o que é a maior glória da mulher, uma

boa dona de casa, uma excelente mãe de família e até uma ótima cozinheira, qualidade que não é para desdenhar numa mulher.

Foi sempre uma feminista convicta, e, presidiu á Federação das mulheres «Progressive Women» sendo a sua oradora oficial, para o sufrágio das mulheres nos Massachusetts.

Por ocasião da sua nomeação, ella afirmou uma espécie de profissão de fé.

«O meu primeiro dever — diz ella — foi tratar antes de tudo da casa e dos seus. Nada é mais bello do que dar criações perfeitas ao seu país, e, em seguida consagrar á humanidade as forças que nos ficam depois de cumpridos os deveres domésticos».

Agora que seus filhos são todos maiores, ella pôde consagrar-se aos seus deveres officiaes e ser uma boa chefe de policia applicando a lei da maneira mais justa e mais humana, esforçando-se por se tornar digna da confiança dos homens e das mulheres do seu país, que lhe asseguram a sua cooperação e o seu apoio, no desempenho do espinhoso cargo tão cheio de difficuldades para um homem quanto mais para uma mulher que tanto se deixa influenciar pelo coração.

Pensamentos

As mulheres nada sabem; adivinham tudo — *Housaye*

A renúncia é uma doença do desejo, vem com a velhice quasi sempre.

Todos dizem adeus com o mesmo gesto. E esse gesto é o das azas. *Suñir é ficar só.*

(*Antônio Patrício*).

Para matar a sede é preciso um copo precioso? E para matar a fome manjares requintados?

(*La Fontaine*).



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

IMPRESNA

Gazeta — de Ponta Delgada. Temos continuado a receber com regularidade este semanário micaelense, que insere a sua costumada secção charadística, *Edipismo*, actualmente dirigida por um desconhecido na matéria e que outrora *Tobema* orientou com brilho e proficiência e de modo a deixar fundas saudades da maneira elegante e respeitosa com que sempre tratou as causas que se prendiam com essa secção. Lamentamos profundamente a substituição, com a qual todos perderam: — charadismo, charadistas e até a própria *Gazeta*.

CORREIO

A. Bruno — Ponta Delgada. Porque não aplica o senhor um colete de forças ao seu pupilo?

Olhe que o pimpolho mostra-se cada vez mais rebelde e ainda é capaz de lhe dar grandes desgostos...

Vitor S. Pedrosa — Ponta Delgada. Pode continuar as remessas de papel de embrulho — e redobrar a dose, se quiser mostrar a sua generosidade. Quanto ao resto, como sabe — os cães ladram e a caravana passa... porque se trata dum desconhecido.

Tobema. — Ponta Delgada. Os nossos sinceros agradecimentos por tantos favores e gentilezas, que nunca esqueceremos. Como sempre, os seus belos trabalhos, que com muito prazer publicamos, vêm enriquecer e honrar esta página. Continuamos a aguardar sempre a sua apreciada colaboração.

Efonsa. — Vila Silva Porto. Registamos gostosamente o ressurgimento dum confrade que de longa data nos tem acompanhado nestas lides. A sua preciosa colaboração, com cuja remessa muito nos congratulamos, veio demonstrar-nos que os amigos velhos não nos abandonam nunca. Queira o amigo continuar a distinguir-nos com os seus belos artigos, porque esta página estará sempre ao seu dispor. Mil agradecimentos pelas suas elogiosas referências, de que não nos julgamos merecedores.

Ti-Beado. — Luanda. Muito reconhecidos estamos pela regularidade da sua prestimosa colaboração, que com bastante prazer continuaremos a publicar.

Magnate. — Leiria. Sinceramente reconhecidos por mais esta gentileza. Achamos os figurados óptimos. Esperamos que de futuro nos continuará a distinguir com este género de trabalhos, para embelezamento da nossa página.

Recebeu a *Ilustração*?
Kibula. — Leiria. Muito agradecemos ao prezado confrade a fineza de nos informar se recebeu o número da *Ilustração*, em devido tempo enviado, que enseria o seu figurado.

APURAMENTOS

N.º 27

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNIA

N.º 11

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

BISNAU

N.º 3

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 12, Efonsa; n.º 10, Trombone de Varas

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 36

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 14 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso, So-Na-Fer, Só Lemos.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 12. — Sonhador, 10. — João Tavares Pereira, 10. — Silva Lima, 10. — Lamas & Silva, 9. — Salustiano, 8. — Dona Dina, 8.

OUTROS DECIFRADORES

Lisbon Syl, 6. — Aldeão, 5.

DECIFRAÇÕES

1 — Pista-tacha-pistacha. 2 — Povo-voar-povoar. 3 — *Sopadamente*. 4 — Timoratamente. 5 — Ligeira-lira. 6 — Bárbaro-barro. 7 — Chorina-chona. 8 — Término-terno. 9 — Socava-sova. 10 — Lata, data, luta, laia, lato. 11 — Aliciadora. 12 — Estado. 13 — E's-não-és. 14 — Por linha vem a tinha.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICA

1) Meter a mão num pote é sinal de luta. (2-2) 3.
Luanda Ti-Beado

NOVISSIMAS

2) A entrada da fox do rio devia ter um portão. 2-2.
Lisboa Pinoca

3) Arranha tudo, já que não tens pena de me teres roubado. 2-1.
Setúbal Rogério Gomes Cunha Correia

4) — Navegar para barlavento, com uma rã a bordo, é um absurdo. 2-2.
Luanda Ti-Beado

SINCOPADAS

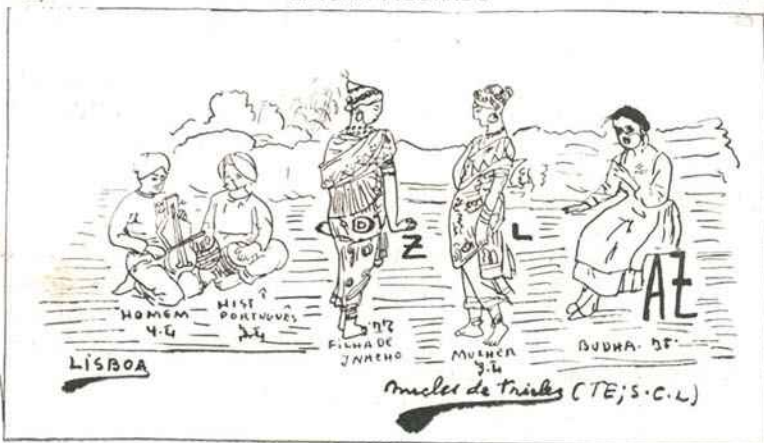
(Agradecendo a Xicantunes)

5) De boa vontade te fico muito reconhecido pelo teu oferecimento. 3-2.
Lisboa Lérias (T. E. — T. M.)

6) A água que sobe vê-se já do cimo da colina. 3-2.
Lisboa Miúdo @ Graúdo

TRABALHOS DESENHADOS

ENIGMA FIGURADO



7) Pela «mulher» enviei a missiva. 3-2.
Lisboa Nêné

(A todos os sócios da S. C. L.)

8) A ordem, meus senhores, a ordem é a base da disciplina! 3-2.
Lisboa Valério (S. C. L.)

9) A modéstia alivia o mérito e indulta a simples mediocridade. 3-2.
Lisboa Veiga

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

10) Gosto, e só por um princípio
Que não posso dominar,
De me sentir satisfeito
Com vontade de chorar...
Silva Porto-Bié Efonsa

LOGOGRIFO

11) Como sou aqui nascido — 3, 4, 5, 6.
Num lugar delicioso, — 2, 5, 2, 3.
Vivo como homem rico — 3, 4, 1, 4, 1, 6.
É bastante gracioso;
Meu emprêgo é rendoso.
Luanda Ti-Beado

MEFISTOFÉLICA

12) Tenho pressa de te ver,
Mulher bela, meu tormento!
— Sem ti a vida é sofrer... —
Beijar-te — arrebato! (2-2) 3.
Lisboa So-Na-Fer

NOVISSIMAS

13) Só alcança bela vida, — 2
Com riqueza e com dinheiro,
Quem sem pena de vencida — 1
A levar qual trapaceiro...
Lisboa Lord X

14) Não me faz mudar de idéia
Qualquer fraca objecção; — 2
A sensatez é candieira — 2
Que me dá compensação.
Lourenço Marques Stop

OS MEUS RESTOS MORTAIS...

(A Ignotus-Sum)

15) Fui cavaleiro andante, paladino
Dessa ventura vã da mocidade,
Sempre procurei um melhor destino,
Que nunca encontrei, por infelicidade!... — 1
Foi minha companheira a adversidade,
Caminhei atrás dela sem destino;
Prócurando, ansioso, a felicidade, — 1
P'ra qual fui, tanto tempo, peregrino...

...Hoje desta corrida estou cansado,
Sou velho, porém não tenho saudades,
Do viver tão infeliz que abandonei!
A isso, que bem tenho procurado,
A ti, oh doce e meiga felicidade,
Nem junto à sepultura te encontrei!...
Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

SINCOPADAS

16) Todo o homem barrigudo,
Mesmo que seja teimoso
E embora faça tudo,
Será sempre vagaroso. — 3-2.
Lisboa Xave Ier

(Ao Micles de Tricles)

17) O amigo, que é nevato,
Diga-me cá, por favor:
Cada vez que estreia um fato
Sempre lhe fica a primor? 3-2
Colares Maria Luiza

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FEIRA DE VAIDADES

A vaidade e o orgulho são dois defeitos capitais, dois aleijões do espírito, e encontram quasi sempre o castigo — muitas vezes um castigo atroz.

Quantas caras lindas nós temos visto desfiguradas por um mal horrível, porque aquelas a quem a natureza as doara não só eram vaidosas, mas troçavam das pobres desherdadas da formosura.

Outras sofrem a penalidade do seu orgulho olhando sempre sobranceiras e desdenhosas as suas irmãs que o destino atirou para um lugar subalterno, descendo subitamente do seu poiso altivo.

E, contudo, essas feias e essas humildes teem na alma tesouros de beleza inestimáveis, traduzidos em bondade, lealdade e ternura o que vale muito mais do que uma bonita boca ou uns olhos sedutores, mostrando, em olhares traidores e em sorrisos mentirosos, a negrura das almas que os comandam.

Muita gente encanta-se deixa levar por aparências aliciadoras, que não tardam a transformar-se em fontes de desilusões tanto mais cruas, quanto mais forte fôr o encanto exercido.

Rapazes, tomem bem sentido.

Não se deixem deslumbrar por um elegante vestido, modelando um corpo gentil, nem tomem logo a sério o primeiro esgar sorridente de uns lábios recortados a "bâton". Bem sabemos que é muito agradável ter uma bela mulhersinha mas o peor é que isso não é bastante para levar a felicidade a um lar.

A comunhão dos corpos é uma coisa que um dia ha-de cançar, e as almas nunca se fatigam de comungar juntas, quando se entendem.

Olhem, por isso, com mais cuidado para o íntimo das suas escolhidas.

Uma beleza de alma escura é tal qual uma sala varrida, com o lixo escondido a um canto.

Há quem lave a cara e deixe sujas as orelhas e o pescoço.

E assim existem muitas beldades: o exterior é uma esplendida tabuleta de tôdas as seduções, e por dentro acumula-se a sujidade de todos os defeitos de caracter, emoldurados pela vaidade e pelo orgulho

E de que serve, afinal, todo êsse estendal que vem assoalhar-se na feira das vaidades?

Deus fez o rico e o mendigo com o mesmo barro e a todos emprestou o sopro da sua divina graça.

Por mais que os homens queiram dividir-se orgulhosamente em classes, elas misturam-se por imposição própria da natureza.

Se não se deixassem cegar pela poeira da vaidade, veriam que não vale a pena empertigarem-se tanto, porque a miséria física que derruba o vagabundo, desequilibra também o maior potentado.

E a diferença da enxêrga duma para o leito dourado e fôfo não evita o esmagador paralelo.

Prégando a igualdade e a fraternidade

— divisa moderna, dos povos agora, mas que já era a divisa de Cristo — não quiere dizer que possamos admitir a indisciplina.

E' esta uma falsa compreensão dessas palavras.

Disciplina não é orgulho, é ordem. E a ordem é precisa.

Há que fazer diferença entre um general e um soldado, entre um patrão e um operário e entre a dona da casa e a criada.

Mas humanamente o general é igual ao soldado, o patrão ao seu assalariado, e a elegante senhora à sua cozinheira.

Os superiores devem fazer se respeitar sem orgulho e os inferiores obedecer sem se sentirem humilhados.

Na ocasião a propósito, o grande deve acarinhar o pequeno como seu par.

As contingências da sorte não devem pesar no seu espírito de ninguém.

Que culpa tem aquêl pobre diabo, que passa dias sem comer, de não ter o automóvel do felizardo que se diverte à doida e que lhe não dá gorgêta, quando lhe abre a porta do carro.

Se a sorte tem querido, podia ter invertido os papéis.

A mulher que anda no luxo, porque



tem um marido que ganha bem ou um amante rico, e olha com desdém para outra de mais modesto trajar, mas que tem o cérebro mais lindamente guarnecido do que ela tem a sua cara; o homem de talento que faz pouco daquêl que não sabe alinhar duas frases com geito; o sujeito que passa dependurado num enorme charuto e evita roçar-se pelo desgraçado que apanha as pontas de cigarro nas valetas são orgulhosos e tolos.

Afinal a dama elegante como a pobretona, o talentoso e o ignorante, o ricoço e o maltrapilha, todos apodrecem depois de mortos entre as quatro tábuas dum caixão de mogno ou pinho réles, e em vida todos metem o dedo no nariz e vão ao "Water-Closet".

A vaidade e o orgulho só podem admitir-se em quem trepou, pelo seu mérito e pelo seu esforço, ao mais alto degrau de qualquer actividade honrosa, sem auxílio de amigos complacentes a substituir aptidões.



Gomes Leal no seu período revolucionário

No dia 7 de Junho passou o 12.º aniversário da morte de Guerra Junqueiro e no dia anterior o 87.º do nascimento de Gomes Leal.

Estes dois geniais poetas nunca se deram bem. Debatavam-se o mais cordealmente possível.

A propósito de "A Morte de D. João" levantou-se acésa polémica em que o poeta da "Traição" não quis ficar inactivo.

Entre outras afirmações, Gomes Leal destacou as seguintes:

"O protagonista do livro de Guerra Junqueiro é romântico, ao passo que o seu autor leva em vista a condenação do romantismo.

"D. João deve, em face da justiça, morrer numa cadeia, e não de fome como bom número de homens de bem."

Por sua vez, Guerra Junqueiro explica: "Muitos outros poetas teem cantado D. João, mas todos eles sob um ponto de vista contrário ao meu. Poetisam-no, engrandecem-no, e quando, no fim duma vida impunemente devassa, se torna necessário castigá-lo, então abrem-se as gargantas do inferno e sorvem o condenado. Para um malandro é épico de mais.

"Eu segui um caminho diferente. D. João, na sua qualidade de parasita, morre como deve morrer: de fome. Quem não trabalha não tem direito à vida. Apelar para a justiça de Deus, como no quinto acto dos dramas *morais*, é o suprêmo cinismo, porque é negar a justiça dos homens, mostrando que a sociedade é impotente para castigar os culpados."

Um dia, encontrando-se os dois poetas, começaram a conversar como bons amigos.

O ilustre escritor dr. Joaquim Costa revela-nos este curioso episódio no seu livro "Recordar é viver."

"Gomes Leal, exuberante e irónico, pretendendo decerto fazer avultar a emulação que havia entre ambos, disse:

"— Meu caro Junqueiro, isto tem de acabar por uma vez. Vamos dividir o Parnaso ao meio; e cada um de nós toma para si a sua metade. Pela minha parte, declaro-lhe que ficarei contente com a minha.

"— Você está, com certeza enganado, — retorquiu Junqueiro — Eu não nego os seus direitos a todo esse monte sagrado. Guarde-o para si; mande erguer em volta d'ele um muro bem alto; ponha-lhe, se quiser, em cima, alguns fundos de garrafas; e vá, sem demora, registá-lo em seu nome à Conservatória."

Referindo-se ao poeta do "Anti-Cristo", Junqueiro disse com a sua ironia contundente:

"Gomes Leal vive dentro dum poço que o afoga em treva; mas, do fundo desse poço, saem clarões estranhos. Nunca teve talento, mas às vezes tem génio."

Eis como Gomes Leal classificava Junqueiro: "O farisaico Junqueiro com os seus poemas ainda mais farisaicos, principalmente com a sua bastante *despida* Impéria, que é transformou numa espécie de Severa do Bairro Alto, ou de lu-

D U A S DATAS

Gomes Leal e Junqueiro

Os dois geniais poetas odiavam-se ferozmente

sitana Rígolboche de bécros escuros e maus; Junqueiro, repito que na "Velhice do Padre Eterno" arrastou a figura veneranda de Cristo pelos cabelos, e fê-lo assistir a uma cena carnavalesca de Semana Santa, ou antes a uma sacrílega e caricatural lamaceira; Junqueiro atingiu o cúmulo do mau gosto farisaico e de um desbocamento bastante libertino, e assás incorrecto decerto para um escritor que se respeita, e que é pai de família. Junqueiro, nos seus poemas assás despidamente realistas, só conta unicamente três escritores tão libertinos e seus rivais na Europa. São o autor da desgraçadíssima obra infame, o "Marquez de Faublas"; os livros bastante descompostos de Paulo de Kock com o seu imoralíssimo "Coitadinho", e finalmente os contos libidinosos de Catulle Mendès, escritos para se lerem no banho.

Não tinha razão o excelso cantor das "Claridades do Sul". E' certo que teve este desabafo em 1916 quando as suas prodigiosas se encontravam enfraquecidas. Vingava-se do rival que nunca o reconheceria.

Idealista suave, ungiado da sua fé diamantina, mesmo nos mais acésoes lances da sua obra demolidora dos velhos ritos, Guerra Junqueiro, ao recordar os afagos maternos da sua infância, fazia a enternecida confissão:

*O meu coração puro, immaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como ainda vai,
Para toda a nudez um pano do seu manto,
Para toda a miséria o ovalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de pai.*

Junqueiro foi sempre um deísta, um crente, um fervoroso cristão, quer afirmando na "Musa em férias":

*A implacável a rígida ciência
Deixou-me unicamente a Providência
Mas, deixando-me Deus, deixou-me tudo!*

quer dizendo na "Morte de D. João":

*Prometeu e Jesus, a liberdade e a crença,
Unidos num abraço estreito, fraternal.
Farão da natureza uma harmonia imensa,
Farão do velho Deus, um Deus universal.*

quer salientando na "Velhice do Padre Eterno":

*Ó velhos aldeões, exaustos de fadiga,
Que andais de sol a sol na terra a mourjar,
Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As três achas que leva à noite para o lar!*

Junqueiro marcou bem a sua posição nesse livro cristianíssimo:

*Ó crentes, como vós, no íntimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito...
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.*

*Sim, creio que depois do derradeiro sono
Hade haver uma treva e hade haver uma luz
Para o vício que morre ovante sobre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.*

Junqueiro morreu como um justo, como um santo, como um poeta, pedindo, em derradeira vontade que não lhe lançassem flores no féretro para as não sacrificar a morrer com êle.

Gomes Leal não tinha razão nas suas arremetidas contra o poeta rival.

Devemos levar em conta que, encontrando-se Gomes Leal na miséria, Junqueiro discordou da pensão que lhe fôra concedida pela República, declarando que "a obra de misericórdia que manda dar de comer a quem tem fome deveria ser compreendida, em primeira mão, pela sacristia."

E' lamentável que dois altíssimos espíritos se degladiassem desta maneira, mas, se avaliarmos bem as razões, é Junqueiro o mais razoável.

Gomes Leal, sendo um poeta de raça, nunca soube lapidar as estrofes geniais que lhe saltavam em catadupas do cérebro para a pena. Não as emendava, e daí as pavorosas cacofonias que saltam, por vezes, nas mais belas páginas da sua obra.

Junqueiro era o artista excelso que, após o facto de fundição inspirador, applicava o buril nas imperfeições que lhe saltassem à vista e só largava a sua obra quando a reputava perfeita.

Gomes Leal foi sempre um revoltado... até contra a gramática. Se um verso não

lhe ficou correcto gramaticalmente, embora bem sonante, e alguém lhe apontava o defeito, considerava-se intangível, invulnerável, autorizado, portanto, a cometer todas as arbitrariedades literárias.

Eis o que nos diz a êste respeito o dr. Bettencourt Rodrigues:

"Embora Antero de Quental tenha dito que Gomes Leal, quando cai é sempre de pé, causa-nos espanto e tristeza vermos como por entre versos da máxima originalidade e beleza, tanto na concepção, como na forma, se infiltram, como escuras manchas, tantos defeitos e até erros, que não são apenas de técnica, mas até mesmo de gramática. Aos que destes últimos erros o acusaram, respondia êle com arrogância, dizendo:

*Quem é que manda no que é meu?
É a gramática ou sou eu?*

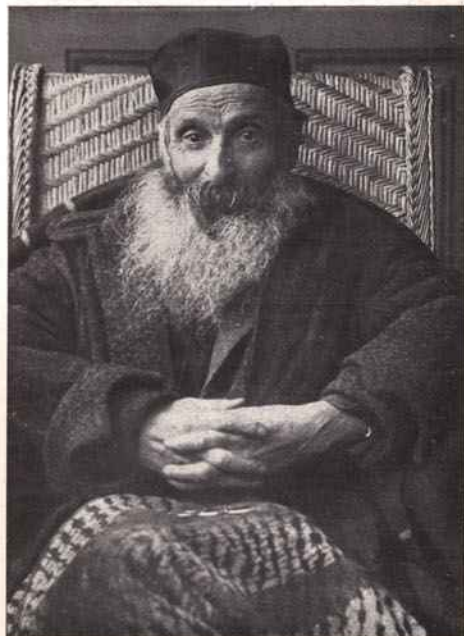
Ainda nos recordamos desse espírito indomável que, ainda em plena decadência, tinha impulsos de D'Artagnan.

Sentia-se apto para todos os géneros de literatura. Quando escreveu "O Senhor dos Passos da Graça", afirmou que esse romance seria o primeiro duma série cujo título genérico era "Memórias dum Revoltado."

E não salientava com ênfase: "Nêstes trabalhos o autor não seguirá na trilha um tanto afrancesada e fêmea do grande Eça..."

Mais tarde declarava solenemente que "o Eça foi apenas naturalista e não realista. A sua obra filia-se na "Tereza Raquin", de Zola; na "Madame Bovary", de Flaubert; no "Demi-Monde", de Dumas, filho. A qualidade d'êle é ser um grande assimilador e de tal modo que, depois chega a criar e a ficar original. Mas o Júlio Diniz e o Trindade Coelho são muito melhores."

Mas o seu fito é ferir o rival — o



Guerra Junqueiro

formidável Junqueiro.

Ladeia para melhor vibrar o golpe.

"Se Antero, hesitante, nevrálgico, doente, se deixou ficar na ideia do Budismo sem se atrever a dar mais um passo definitivo para o Cristianismo que êle claramente entreviu, porque é que Junqueiro, que também está hesitante, não se atreve a dar esse último passo redentor? Porque não rompe com o seu passado ímpio, não o renega como eu reneguei, não o amaldiçoa como eu o amaldiçoei?"

"Eu, por mim, irei até onde os Fortes vão.

"Antero já lá vai. Junqueiro parece ter também morrido para o cultivo da Arte; de modo que hei de eu ser, porque ainda me sinto com forças para as lutas do pensamento, o precursor duma nova era menos materialista. Note que eu creio no espiritualismo, mas de braço dado com a ciência; porque não admito que o asceta, pelo facto de o ser, não possa ter uma concepção do Universo.

E terminava com arrogância, eriçando mais os seu bigodes atrevidos:

"Este misticismo na Arte ha de invadir todo o Occidente. Nós, em todos os tempos, fômos à frente da Europa, e, agora, dar-lhe-êmos, mais uma vez, uma nova orientação."

Quadrado mágico

(Problema)

1		7	
	4		6
	5		3
8		2	

Poderão completar este quadrado mágico, preenchendo as casas vazias com os números de 9 a 16, de modo que os algarismos em todas as linhas horizontais e verticais, e bem assim nas duas diagonais, perfaçam o total de 34?

Xadrez

(Solução)

1 D 7 T R	2 D 6 T R	3 D 6 C D
R 5 D	R < C	M.
.....	C 3 D	D > B +
R 3 D	-?	M.
.....	D 7 B D +	B 6 B R +
B 4 B R	R -?	M.
.....	C 3 D +	D 1 T R +
R 5 B R	R -?	M.
.....	C (8 3 R) > B	
P 6 C R	etc.	

Os progressos da televisão

Antevê-se um progresso muito próximo no desenvolvimento da televisão, pela comunicação das estações de rádiosusão e o emprego de uma nova série de ondas curtas, como consequência fatal da invenção dum novo tipo de tubo catódico, realizada pelo professor Pkilo Fransworth, invenção que acaba de ser aperfeiçoada e posta em estado de funcionar nos laboratórios da radiotelegrafia de S. Francisco, da Califórnia.

Foi experimentada, durante a noite, com um completo sucesso. Mediante esse tubo, transmitiram-se imagens de S. Francisco para Honolulu, Nova-York e Manilha. O novo tubo não se baseia em filamentos e custa mais barato do que os tubos actualmente utilizados. Afirma-se que tem um poder de amplificação nove mil vezes superior a todos os outros.

Graça alheia



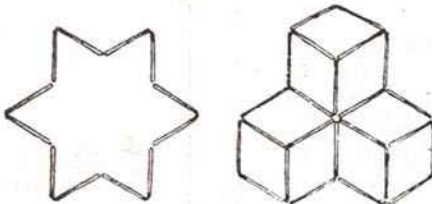
— O que deseja V. Ex.ª para acompanhar o peixe?
— Hum!... que desinfectantes tem cá?

(Do «Tit Bits».)



A estrela e os cubos

(Solução)



A gravura da esquerda representa a estrela formada com os doze primeiros fósforos, e na da direita vem-se, em perspectiva, os três cubos que se formam acrescentando aos doze primeiros os outros doze.

Um combóio dançante

Nos princípios de Março, entrou em serviço, na linha Riga-Líquida, o primeiro «combóio dançante» da Letónia. Estes combóios compõem-se duma locomotiva, um «fourgon», um vagão-restaurante e três carruagens, estas apenas com dois bancos laterais. Na primeira destes carruagens fica um estrado onde toma lugar uma orquestra que começa a tocar logo que o combóio se põe em marcha e cujas músicas de dança vão sendo transmitidas às outras carruagens por meio de alto-falantes. Este «combóio dançante» destina-se aos patinadores e patinadoras de «skis» que naquela época do ano saem de Riga pela manhã para se dirigirem ao planalto de Siquida favorável à prática dos desportos de inverno, e que regressam, à noite a Riga.

O sucesso que o primeiro obteve foi brilhante. Uma mocidade cheia de entusiasmo, tomou de assalto o combóio e, sem esperar pela partida deste, exigiu a orquestra e poz-se a dançar.

O vagão-restaurante fez igualmente esplêndido negócio.

Bridge

(Problema)

Espadas — A., 2.
Copas — — — — —
Ouros — V., 2.
Paus — R., 6, 4.

Espadas — 3. N Espadas — R., 9, 7.
Copas — — — — — O Copas — — — — —
Ouros — 8, 6, 5. S Ouros — D., 10.
Paus — 9, 8, 5. Paus — D., V.

Espadas — V., 10.
Copas — 8, 7, 5.
Ouros — — — — —
Paus — A., 7.

Trunfo é copas. S joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

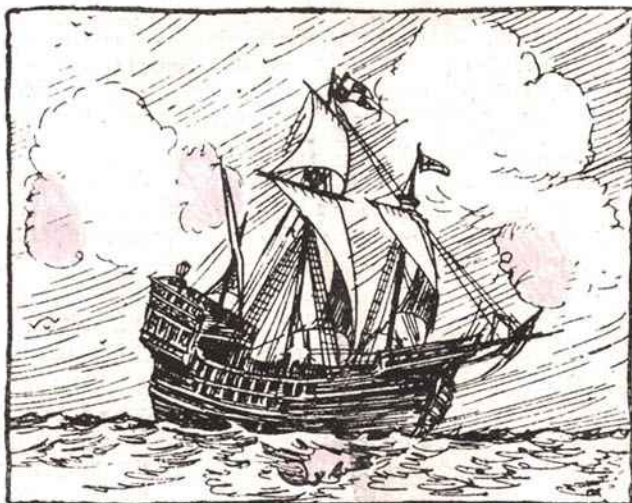
S joga o 2 de espadas que N corta com o 2 de copas, jogando em seguida o Rei de copas.

Se E deita o 4 de copas, N joga o Rei de ouros e depois o 9 de ouros, baldando-se S ao 9 de paus. N joga o 2 de paus, S entra em Dama de paus e trunfa com 9 de copas, baldando-se N ao 2 de paus. E faz a Dama de copas e entrega as duas espadas.

Se quando N joga o Rei de copas, E deita a Dama de copas, N joga o 3 de ouros, tomando a mão S com a Dama de ouros e trunfando, em seguida com 9 de copas. O faz o 10 de copas baldando-se N ao 2 de paus.

De qualquer forma que jogue O, todas as vasas são feitas por N S.

Onde estão os piratas?



É um navio de piratas, este, e não é difícil vê-los. São uns quatro, ao todo.

Para que um filme seja nítido e dê a perfeita impressão dos movimentos, é preciso que haja nele cinquenta e duas fotografias por metro.

A primeira bomba para incêndios foi usada em Troyes (França) em 1177.
Ignora-se o nome do seu inventor.

Organizou-se recentemente em Bordeus, uma orquestra curiosíssima, pois é composta exclusivamente por médicos.

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverifi-
cações, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO GOELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... **5\$00**
- Trombose das coronarias e infarto do miocardio** (Estudo experimental e clinico)..... **30\$00**
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio critico, seguido da resenha bibliografica da sua obra)..... **15\$00**
- A crise do pensamento contemporaneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

J. M. FERREIRA DO AMARAL

O paraíso bolchevista e... a mentira UMA VIAGEM À RUSSIA

Os operários soviéticos — O trabalho da mulher na Rússia — As ruas e o seu movimento — O aspecto exterior das casas na cidade — O custo da vida — Habitações económicas — O vestuário — A propaganda soviética — Creches — Maternidade — A educação colectiva.

1 volume de 250 páginas, brochado..... **Esc. 10\$00**
Pelo correio à cobrança **11\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte** — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. ... **8\$00**
- Braz Cadunha** — 1 vol. br. **6\$00**
- Entre a vida e a morte** — 1 vol. enc. 12\$00; br. ... **7\$00**
- Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br. **7\$00**
- Lingua de Prata** — 1 vol. enc. 13\$00; br. **8\$00**
- Mudança d'Ares** — 1 vol. br. **10\$00**
- Por terras estranhas** — 1 vol. br. **4\$00**
- Meu (O) menino** — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. **12\$00**
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina..... **35\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland uber alles — A ideia da força — A arte alemã — A Germania aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo de paz — A invasão da Inglaterra — Jellicoe — A arte e a guerra — A espionagem alemã — No coração da guerra — Soldados de Portugal — A caminho do «front» — No «front» — Na «trincha», etc.

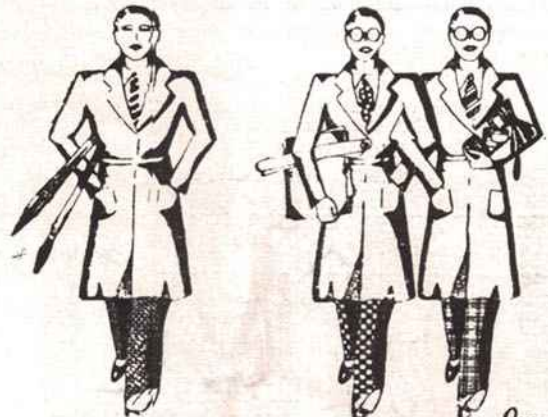
1 vol. de 220 págs., broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



Aguarini

TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações
francesas, inglesas, alemãs: semanais,
quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas,
mensais e de estação, tais como:

*Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les En-
fants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots
— Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's
Ladies Journal — The Lady Fashion Book —
Die Dame, etc.*

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

■ ■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28×19, broc.	45\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I—O ano de Rhadameh; II—Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aquareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28×19.	25\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guiomar Torrazão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00
HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Julio Berrill</i> , ilustrado por Bonamore. Delloioso romance no género dos de <i>Julio Verne</i> . 1 vol., formato 28×19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guiomar Torrazão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> , 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc.	10\$00
RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 134 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

À VENDA

JOÃO DE BARROS

Pátria esquecida

NOTAS E ESQUEMAS

1 vol. de 212 págs., brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de **MARCELINO MESQUITA**

3 volumes de formato 18×28 com um total de 2.038 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 224 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31×22 em brochura pelo correio á cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br.	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	12\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª	12\$00
edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	9\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe	10\$00
disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que	12\$00
eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado,	10\$00
1 vol. Enc. 14\$00; br.	8\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc.	12\$00
17\$00; br.	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	8\$00
br.	8\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	1\$50
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO	8\$00
DA ACADEMIA, 1 vol. br.	8\$00
ÉLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00;	12\$00
br.	10\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol.	8\$00
Enc. 13\$00; br.	6\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc.	8\$00
13\$00; br.	9\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	6\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confere-	8\$00
rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	10\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	2\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	1\$50
br.	
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confere-	
rência), 1 fol.	
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência),	
1 fol.	

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEPA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	15\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol.	8\$00
Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

A VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSC, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**
1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA